

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Jerosino Pereira: um “pedreiro anônimo” comunista da cidade de
Fernandópolis (1912-1994)**

Aluno: Felipe Augusto Vicente Pereira

Orientador: Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

Brasília

2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Jerosino Pereira: um “pedreiro anônimo” comunista da cidade de
Fernandópolis (1912-1994)**

Monografia de conclusão de curso de graduação apresentada ao Departamento de História da Universidade de Brasília, por **Felipe Augusto Vicente Pereira** como requisito para obtenção do título de licenciatura em História, sob orientação do Professor Dr. **Mateus Gamba Torres**

Brasília

2016

Agradecimentos

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram com a produção desse trabalho. Serei permanentemente grato ao meu orientador, ao meu irmão, à minha mãe e aos meus tios em especial.

À minha família

À memória de meu pai e meu avô.

Resumo

Este trabalho pretende analisar a trajetória de Jerosino Pereira, um pequeno comerciante da cidade de Fernandópolis, preso diversas vezes por ser membro atuante do Partido Comunista nos anos de 1940 e 50. Embasado na obra de Carlo Ginzburg, **O queijo e os vermes**, esse estudo leva em conta fontes orais recolhidas de sua filha e genro, e autos de processos disponibilizados pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo para construir uma abordagem micro-histórica da articulação do comunismo, do anticomunismo e da repressão policial no Brasil em tal período. A abordagem adotada parece ser a mais apropriada por conseguir reverberar a voz dos membros que fazem parte da parcela mais pobre da população, como operários e camponeses, que foram desumanizados pelos números e termos generalizantes das historiografias econômicas e sociais tradicionais.

Palavras-chave: comunismo; repressão; anticomunismo; micro-história; PCB.

Sumário

Resumo	03
Introdução	05
Capítulo 1 - O jovem antes de Fernandópolis (1912 a 1941)	09
Na Bahia. (1912 a 1924)	09
Chegada e estabilização em São Paulo (1924 a 1941)	12
Capítulo 2 - O homem em Fernandópolis (1941 a 1994)	17
Antes do Comunismo (1941 a 1945)	17
Atuando como membro do PCB (1946 a 1964)	22
Atuação pós-1964 e anos finais (1964 a 1994)	36
Considerações Finais	40
Fontes e Bibliografia	43
Anexos	47
Declaração de autenticidade	50

Introdução:

Jerosino Pereira nasceu no interior do estado da Bahia em 1912, mudou-se para a região noroeste do Estado de São Paulo com cerca de 13 anos para fugir de um tio violento e buscar novas oportunidades empregatícias. Nesse novo universo o personagem formou uma família, ascendeu socialmente através de suas atividades comerciais; em meados de 1945 entrou para, o que na época ainda se designava, Partido Comunista do Brasil¹. Desde então fontes referentes à sua atuação comunista foram produzidas pelos órgãos repressores e delegacias que efetuavam prisões recorrentes.

Não há nada de inédito dentro da narrativa apresentada no parágrafo anterior. Vários foram os nordestinos que se mudaram para o Sul e para o Sudeste do país em busca de novas vidas. Muitos foram os que formaram famílias e se tornaram comerciantes, e muitos entraram para o PCB em 1945, tendo em vista que o Estado Novo havia caído, e um período constitucional se iniciara². Acerca disso, caracterizar Jerosino Pereira como parte de um todo, não é incoerente; afinal, outros seguiram os mesmos passos. Diante disso, essas pessoas formaram um grupo, que hoje pode ser quantificado e generalizado em termos simples por abordagens tradicionalistas historiográficas. Tais termos, por um longo período dentro da historiografia, significaram um fragmento desinteressante, ou uma curiosidade, nas narrativas dos “gestos dos reis”³.

Porém, segundo Ginzburg:

No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as “gestas dos reis”. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixando de lado ou simplesmente ignorando. “Quem construiu Tebas das sete pedras?” - perguntava o “leitor operário”

¹ Segundo o livro História Geral da Civilização Brasileira, tomo 3, capítulo VIII; até os anos de 1961 a sigla PCB designava Partido Comunista do Brasil. Posteriormente, o nome foi mudado para Partido Comunista Brasileiro. Sendo assim, o antigo nome foi reivindicado por membros dissidentes do então PCB que fundaram o PCdoB em fevereiro de 1962. FAUSTO, Boris. (Org.). O PCB: Os dirigentes e a organização. In: O Brasil republicano: sociedade e política (1930/1964). 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap. 8, p. 514.

² FAUSTO, Boris. (Org.). **O PCB: Os dirigentes e a organização**. In: **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap. 8, p. 488.

³ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, P. 11.

de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo seu peso.⁴

Como demonstra o trecho retirado de *O queijo e os vermes*, a pesquisa voltada somente aos grandes personagens não satisfaz mais a historiografia contemporânea. Prender-nos a esse tipo de análise, enfraquece a prática historiográfica usando como moeda de troca um conforto superficial. Hoje somos cobrados a explicar como se comportavam as pessoas que não faziam parte da elite, que não agiram diretamente nos grandes eventos, os “pedreiros anônimos”. Relatos familiares e experiências pessoais, passados de geração em geração, dentro de diversas famílias ressaltam as peculiaridades, que confrontam e colocam em cheque, as narrativas generalizantes arcaicas.

Ainda segundo Ginzburg: “Com muita frequência ideias ou crenças originais são consideradas, por definição, produto das classes superiores, e sua difusão entre as classes subalternas um fato mecânico de escasso ou mesmo de nenhum interesse; [...]”⁵. Esse excerto demonstra que, além de esforçar-se em ignorar o gesto dos “pedreiros anônimos”, o discurso analítico tradicional, configura mediocridade a eles. Afirma, por conseguinte, que os populares são incapazes de configurar originalidade em suas ideias, que são receptores mecânicos das novidades provenientes da elite. Porém, isso entra em descrédito quando as barreiras silenciadoras dos indivíduos provenientes das parcelas mais pobres da população são quebradas.

Quando a curiosidade corajosa ultrapassa os termos que silenciam as vozes dos indivíduos considerados comuns, o susto que o pesquisador levará pode congelar sua excitação. A partir desse momento, dele se exige ferramentas que antes não considerava viável. Nesse sentido, as disciplinas como antropologia, sociologia, psicologia e filosofia poderão amparar seu novo desafio. Há de se admitir que a tarefa de construir uma análise micro-histórica é complexa; pois por ser uma abordagem onde poucos se aventuraram, os atalhos que facilitem sua estruturação ainda são nebulosos.

Sobre as fontes, Ginzburg diz: “ainda hoje a cultura das classes subalternas é (e muito mais, se pensarmos nos séculos passados) predominantemente oral, e os

⁴ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, P. 11.

⁵ GINZBURG, Carlo. ***O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição***. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 12.

historiadores não podem se pôr a conversar com os camponeses do século XVI [...]”⁶. Uma das vantagens de se analisar a história contemporânea é que ainda podemos conversar com os “camponeses” viventes. Porém, ao passo que podemos nos aproveitar dessa vantagem, devemos também, ficar atentos às circunstâncias negativas que tal ponto pode trazer a análise. A possibilidade de sermos cobrados e questionados pelos atores viventes da história que tentamos observar cerca-nos a cada palavra escrita.

Essa pesquisa, em específico, caracteriza outra questão; referente à “proximidade do historiador e seu objeto”. Afirmando aqui ser Jerosino Pereira meu avô, mesmo não me lembrando de algum contato direto com o personagem dessa narrativa, declaro que sua memória fora preservada e admirada pelos familiares. Admito aos leitores que o principal motivador para a produção dessa pesquisa é o fato de querer ter conhecido meu avô, as histórias contadas por meu pai, minha mãe e todos aqueles que tiveram um contato direto com ele me fascinaram por toda a adolescência. Por meio disso internalizei uma curiosidade sobre o que realmente ele vivenciou.

Em certo momento, senti que os contos e a memória produzidos pela nossa família não me satisfaziam mais. Procurando meios de suprir minha curiosidade sobre a vida de meu avô eu encontrei o curso de história. Dessa maneira, eu percebi que o estudo de como se produzir uma análise historiográfica me daria arcabouço suficiente para conhecer, de fato, Jerosino Pereira. Afirmando que essa disciplina não só me deu as ferramentas necessárias para entender Jerosino, como ensinou que fazer dele meu objeto de estudo me permitiria um entendimento ainda mais profícuo de tudo que lhe cercou durante sua vida. Acerca disso, não pretendo construir aqui a memória de Jerosino caracterizada por certezas, julgamentos e idolatrias; busco, ao contrário, compreender, problematizar e analisar os pontos que permearam a narrativa biográfica. A subjetividade presente no esforço em conhecer meu avô, não prejudica, portanto, o respeito aos parâmetros estabelecidos para se fazer um trabalho historiográfico reconhecido academicamente.

Para dar conta da complexa realidade de Jeró, apelido pelo qual a esposa do indivíduo lhe chamava carinhosamente, o texto se constrói em dois capítulos divididos de acordo com sua atuação; antes de se mudar para Fernandópolis, e posteriormente, residindo na cidade.

⁶ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 13.

A primeira parte remonta a origem do indivíduo, seu deslocamento, e como ele se estabeleceu na região noroeste do estado de São Paulo, levando em conta documentos oficiais de registro e fontes orais colhidas com sua filha e genro. Utilizei como referência o livro **História do Brasil**, de Boris Fausto⁷ para tentar analisar a sociedade e a política dos anos vinte e trinta, o que ajudará no entendimento de como se formou o sujeito que produziu as fontes da segunda parte, e como esse universo em que cresceu influenciou suas ações políticas.

O segundo capítulo, foco principal do estudo, voltado ao entendimento de como se articulou a relação de Jerosino com o comunismo, com a política e com a repressão nos anos de 1945 a 1964; leva em conta autos de processo, investigações e relatórios referentes a ele, ou que continham seu nome, disponibilizados pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo e pelo Arquivo Nacional de Brasília. Entre essas fontes, cinco foram pinçadas por conterem maiores riquezas de informações, relevantes para a pesquisa. Além disso, o livro **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**⁸, servirá como fonte primária, por conter entrevistas realizadas com membros comunistas da região que conheceram Jerosino Pereira.

⁷ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1995.

⁸ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996. 326 p. 1v. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/>
Acesso em: 09 de mai. 2016.

Capítulo 1- O jovem antes de Fernandópolis (1912-1941).

Chamava-se Domenico Scandella, conhecido por Menocchio. Nascera em 1532 (quando do primeiro processo declarou ter 52 anos), em Montereale, uma pequena aldeia nas colinas do Friuli, a 25 quilômetros de Pordenone, bem protegida pelas montanhas. Viveu sempre ali, exceto dois anos de desterro após uma briga (1564-65), transcorridos em Arba, uma vila não muito distante, e numa localidade não precisada da Carnia. Era casado e tinha sete filhos; outros quatro haviam morrido.⁹

Como demonstrado pelo trecho retirado de **O queijo e os vermes**, a origem do personagem de uma história confere-se como fator imprescindível no entendimento da narrativa. Apesar de produzir uma descrição enxuta, consequência provável da falta de detalhes fornecidos pelas fontes, Carlo Ginzburg inicia sua obra através da gênese de Menocchio. Seguindo essa decisão tomada pelo historiador italiano, o presente estudo também partirá da origem de Jerosino Pereira.

1.1 Na Bahia (1912-1924).

Segundo os documentos de registro (registro geral, certificado de reservista, certidão de casamento e óbito)¹⁰, Jerosino Pereira - filho de Antônio Pereira dos Santos e Joaquina Balieiro Pessoa - nasceu em 16 de outubro de 1912, na região centro sul da Bahia. Tais documentos divergem sobre a localidade exata em que Jeró nasceu; alguns indicam a cidade de Caetité, outros usam como referência Caculé. De qualquer forma, essas localidades se distanciam cerca de 60 quilômetros, e ambas fazem parte do sertão centro sul do estado¹¹.

Os documentos oficiais de registro limitam as informações dentro da apresentação do parágrafo anterior. Porém, a riqueza de detalhes sobre a origem do protagonista pode ser extraída do depoimento de sua filha Sidney Pereira Del Grossi, que a descreve da seguinte forma:

⁹ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 31.

¹⁰ Documentos colhidos com familiares do referente indivíduo, hoje fazem parte do acervo pessoal do autor.

¹¹ Informação dada por: GOOGLE. **Google Earth**.

<https://www.google.com.br/maps/dir/Cacul%C3%A9,+BA/Caetit%C3%A9,+BA/@-14.2801506,-42.6372534,92195m/data=!3m2!1e3!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7456a6eed7aadf1:0x649e7c2336606bbe!2m2!1d-42.2236477!2d-14.4974525!1m5!1m1!1s0x744d5cf25ec469d:0xe9207ac521ef2d52!2m2!1d-42.4858867!2d-14.0648657> 2016. Acesso em: 26 de jun. 2016.

O pai dele ficou viúvo e mudou-se para São Paulo, deixou ele lá com um tio que até era coronel, só que não me lembro do nome. Ele dizia que esse tio era muito mau, e espancava eles [Jerosino e seus primos], ele principalmente, que era o filho que ficou. Ele cansou de ser espancado pelo tio, que era coronel; aqueles “bicho” bravo antigo. Daí ele, que até era menor de idade, tinha entre 12 e 14 anos, e um primo mais velho vieram para São Paulo a pé, andaram cerca de dezessete léguas até chegarem a uma estrada de ferro. A partir daí alternavam os meios de locomoção entre trens e caminhadas.¹²

Segundo o trecho, Jerosino Pereira já enfrentava dificuldades nos primeiros anos de sua vida. Depois de seu nascimento sua mãe faleceu. Viúvo seu pai mudou-se para o estado de São Paulo deixando a jovem criança com um rígido tio coronel. Cansado da vida repressiva, o baiano, ainda menino, migrou para São Paulo em meados de 1925.

Como explica Boris Fausto, os coronéis na chamada “República dos Coronéis” referem-se a indivíduos da antiga Guarda Nacional que eram proprietários de terras com um poder localizado. De maneira geral, o coronelismo estava longe de delimitar o cenário político presidencial da Primeira República; portanto, tais coronéis influenciavam políticas menores¹³.

Boris também exalta que o coronelismo brasileiro de tal período não se resumia em um processo coeso e uníssono. Ele afirma ainda a existência de diferentes graus de influência desses coronéis; graus estes, marcados pelas regiões que eles se inseriam. Segundo o autor, coronéis baianos, por exemplo, sobretudo próximos à região do Rio São Francisco, detinham em sua maioria; uma influência mais evidente. Isso se explica pela necessidade das lideranças políticas baianas harmonizarem com esses indivíduos chaves da atividade exportadora¹⁴.

Não se sabe ao certo se o coronel referido no trecho da entrevista resume perfeitamente a figura descrita por Boris Fausto. O homem citado na entrevista poderia ser, por exemplo, alguém muito rígido, dono de uma porção de terras no sertão baiano. O fato é que a incógnita permanece, não descaracterizando; com isso, a importância do relato. Ao contrário, o trecho nos dá uma pista, demonstrando que a figura dos coronéis, mesmo aqueles não pertencentes à antiga Guarda Nacional, referia-se a indivíduos de certa influência, ligados

¹² Áudio hoje pertencente ao arquivo pessoal do autor. PEREIRA, Felipe Augusto Vicente. Entrevista realizada dia 2 de agosto de 2015 com Sidney Pereira Del Grossi (filha de Jerosino) e Dorvalino Del Grossi (genro de Jerosino). São Paulo, 2015. Formato 3GA (76.031KB, 80min).

¹³ FAUSTO, Boris. **A primeira república**. In: **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1995, p. 263.

¹⁴ Idem, p. 264.

ao cenário agrícola, que eram; em grande parte, rígidos e donos de alguma parcela de terra. Esse tipo de criação pode ter influenciado as decisões futuras de Jerosino.

O segundo fator evidente da entrevista é a importância das estradas de ferro como meio de locomoção nos anos de 1920. A partir do primeiro contato do Brasil com as ferrovias, realizado ainda durante o Império no Rio de Janeiro¹⁵, houve um esforço nacional para a distribuição dos caminhos de aço pelas regiões mais inóspitas do território. Buscava-se, com isso, ligar o infinito oeste brasileiro aos centros metropolitanos localizados mais ao litoral. Em consequência disso, os anos finais do século XIX e a primeira metade do século XX caracterizaram o auge do transporte ferroviário brasileiro.

As fontes não nos permitem saber qual a linha específica percorrida pelo protagonista desta narrativa até o estado de São Paulo. Porém, existe uma explicação para o fato de termos as estradas de ferro citadas por Sidney, temos ainda, o motivo delas se alternarem com longas caminhadas. Compagnie des Chemins de Fer Fédéraux du l'Est Brésilien, era o nome de uma das principais responsáveis pelas linhas férreas do país nos anos vinte. Acompanhava, desde 1911, um incentivo nacional promovente do arrendamento das malhas de aço a companhias europeias, principalmente inglesas e francesas¹⁶. Segundo o acordo, a empresa francesa era encarregada pela administração e construção das linhas de aço em Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Alagoas. Ao passo que a empresa construía novas estradas, o governo brasileiro depositava parcelas do pagamento na Caisse Commerciale et Industrielle de Paris¹⁷.

Contudo, o arrendatário francês não cumpriu muitas das promessas que assumiu¹⁸. Em meados de 1926 o estado da Bahia presenciava a degradação de suas estradas de ferro. As novas estradas, tão ansiadas, não se realizaram da maneira esperada. Os governadores eram cobrados pela população e imprensa do Estado, gerando uma situação delicada entre governo

¹⁵ A primeira estrada de ferro do Brasil foi a Estrada de Ferro de Petrópolis, inaugurada em 1854, construída sob iniciativa de Irineu Evangelista de Souza (Barão de Mauá). CUNHA, Aloísio Santos da. **No tempo da Chemins de Fer: A administração francesa das ferrovias federais na Bahia (1911-1935)**. João Pessoa: SAECULUM- Revista de História. 2013, p. 351. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/19827/10962>. Acesso em: 31 de mai. 2016.

¹⁶ CUNHA, Aloísio Santos da. **No tempo da Chemins de Fer: A administração francesa das ferrovias federais na Bahia (1911-1935)**. João Pessoa: SAECULUM- Revista de História. 2013, p. 351. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/19827/10962>. Acesso em: 31 de mai. 2016.

¹⁷ Idem, p. 351.

¹⁸ Idem, p. 356

estadual e representantes da empresa francesa¹⁹. Portanto, as aguardadas ligações das regiões mais afastadas e rústicas do país aos centros urbanos não ocorreram plenamente, fator que provavelmente dificultou o deslocamento de Jerosino ao estado paulista. Além disso, o aspecto degradado das estradas de ferro administradas pelas Chemins de Fer, agente de constantes descarrilamentos²⁰, tornou a viagem da criança ainda mais arriscada.

1.2 A chegada e a estabilização em São Paulo (1924-1941).

Tanto o pai de Jerosino Pereira quanto o próprio personagem central dessa história, buscaram um recomeço para suas vidas. Para isso escolheram o Estado de São Paulo. Mas, por que essa região? Muitos afirmarão ser a resposta muito óbvia; sua potência possuía o cheiro característico do café, o som marcante das locomotivas a vapor e a paisagem de uma região em plena industrialização; novas cidades se formavam²¹. Diante disso, trabalhos eram gerados atraindo, naturalmente, migrantes e imigrantes. Entretanto, o contentamento com uma explicação superficial como essa não ajudaria a esclarecer todos os aspectos da narrativa aqui pretendida. Acerca disso, a filha de Jerosino contribuiu com mais informações sobre o recomeço de seu pai no estado de São Paulo:

Chegaram [Jerosino e seu primo mais velho] à região noroeste de São Paulo, e lá meu pai se encontrou com meu avô que tinha uma nova família com outra mulher. Ele [Jerosino] ficou um curto tempo com o pai e logo depois começou a trabalhar de peão nas fazendas de Neves Paulista. Sabe? Trabalhando com a enxada e serviços rurais. Um tempo trabalhando nesses serviços ele juntou um dinheiro e montou um açougue na feira de Neves Paulista.²²

¹⁹ CUNHA, Aloísio Santos da. **No tempo da Chemins de Fer: A administração francesa das ferrovias federais na Bahia (1911-1935)**. João Pessoa: SAECULUM- Revista de História. 2013, p. 356. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/19827/10962>. Acesso em: 31 de mai. 2016.

²⁰ CUNHA, Aloísio Santos da. **No tempo da Chemins de Fer: A administração francesa das ferrovias federais na Bahia (1911-1935)**. João Pessoa: SAECULUM- Revista de História. 2013, p. 356. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/19827/10962>. Acesso em: 31 de mai. 2016.

²¹ CARVALHO, Diego Francisco de. **Café, ferrovias e crescimento populacional: o florescimento da região noroeste paulista**. Revista Histórica. Ed. 27, Nov./2007. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao27/materia02/texto02.pdf> Acesso em: 04 de jun. 2016.

²² Áudio hoje pertencente ao arquivo pessoal do autor. PEREIRA, Felipe Augusto Vicente. Entrevista realizada dia 2 de agosto de 2015 com Sidney Pereira Del Grossi (filha de Jerosino) e Dorvalino Del Grossi (genro de Jerosino). São Paulo, 2015. Formato 3GA (76.031KB, 80min).

Começando a observação dos pontos desse trecho por Neves Paulista, podemos concluir que de fato o café fora essencial para o crescimento da região e para o surgimento de novos aglomerados populacionais. Prova de tal argumento se encontra na história de como Neves Paulista se formou; segundo a versão oficial, a cidade possuía terras férteis, propícias ao plantio do café, o que chamou a atenção do fazendeiro Joaquim da Costa Pereira, também conhecido como Capitão Neves²³. A partir disso ele ergueu um cruzeiro²⁴ e um aglomerado populacional se organizou. Na Figura 1 a seguir, relativa ao brasão de Neves Paulista, existem duas referências simbólicas esclarecedoras da importância do grão para a cidade. A primeira e mais evidente é o inscrito “centro cafeeiro”, a segunda são dois ramos da planta produtora do grão que partem de baixo, e medram por quase toda a figura. Além desses elementos, podemos observar que a cidade fora construída sob forte incentivo religioso, contando também com a produção de gado e milho para o seu desenvolvimento.

Figura 1- Brasão da cidade de Neves Paulista.



Fonte: Site da prefeitura municipal de Neves Paulista²⁵.

Unindo o fato de Jerosino ter trabalhado no meio rural com a grande influência do café na região em meados de 1925, podemos apreender que a vida dele fora influenciada pelo

²³ ARRUDA, Sílvia. **Neves Paulista: Histórico**. IBGE, 2013. Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/saopaulo/nevespaulista.pdf> Acesso em: 04 de jun. 2016.

²⁴ Cruzeiro é o nome dado a marcos divisórios estabelecidos em localidades onde se pretendia fundar um aglomerado populacional. Geralmente celebrado por uma missa, demonstrando o atrelamento ao aspecto religioso, o cruzeiro configurava-se como a gênese de uma nova cidade interiorana.

²⁵ Disponível em: <http://www.nevespaulista.sp.gov.br/inside.php?id=31> Acesso em: 19 de jun. 2016

cultivo do grão de alguma maneira. Porém, dentro do segundo fator presente no trecho da entrevista, uma novidade acontece. O baiano recém-chegado decide apostar no comércio, abrindo um açougue na feira local. As fontes não esclarecessem o motivo dessa decisão, em meio a tantos empregos gerados pelo café nos anos 20 o esperado era que esse homem nordestino também seguisse as tendências impostas pelo cultivo dessa cultura. Além disso, o crescimento da produção de gado na região de Neves só viria algum tempo depois, no final dos anos 30; início de 1940. Entretanto, o meio comercial, por mais arriscado que fosse, representava uma ascensão social e econômica; para mais, o fato de a região chamar a atenção de migrantes e imigrantes também contribuía para a formação de novos pontos comerciais.

Após essa atividade, Jeró consegue se estabilizar, casar-se e formar uma família. Essa fase de sua vida foi relatada da seguinte maneira por seu genro Dorvalino, e sua filha:

Dorvalino Del Grossi: Ai um tempo trabalhando no açougue. Né? Ia na roça comprava a vaca amarrava em outra que era mansa trazia pra cidade, e depois matava e vendia. Ele melhorou um pouco [financeiramente] e montou um boteco, um estabelecimento fixo, já no centro da vila.

Sidney P. Del Grossi: Isso, ele montou uma loja que vendia só o básico, o essencial, algumas bebidas, ferramentas de trabalho e enlatados. Era um secos-e-molhados, eu me lembro que antes de fechar a loja, ao fim do dia, minha mãe me dava biscoitos molhados com um pouco de vinho, eu era bem criança ainda, mas até hoje me lembro. Eu amava aquilo.²⁶

O ponto que mais chama atenção, em tal relato, é estabilidade de Jerosino; fator contrastante com o momento político que o país e o estado vivenciavam na década de 1930. Por exemplo, em 1932 os paulistas, principalmente da capital e regiões próximas, se organizaram para derrubar o então presidente provisório²⁷. Com o sentimento revolucionário liberal aguçado pelo impedimento de ter Júlio Prestes como presidente, o que rompeu com a antiga política vantajosa para o estado; São Paulo promoveu a primeira grande revolta contra Getúlio Vargas. Porém, tal conflito não surtiu impacto direto aos que não eram ligados a questões políticas. Por esse motivo, fontes que relacionem Jerosino às consequências dessa revolta paulista são inexistentes, mesmo ele já morando no estado em 1932.

²⁶ Áudio hoje pertencente ao arquivo pessoal do autor. PEREIRA, Felipe Augusto Vicente. Entrevista realizada dia 2 de agosto de 2015 com Sidney Pereira Del Grossi (filha de Jerosino) e Dorvalino Del Grossi (genro de Jerosino). São Paulo, 2015. Formato 3GA (76.031KB, 80min).

²⁷ FAUSTO, Boris. (Org.). **Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935)**. In: **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap.1 , p.25.

O turbilhão político nacional da década de trinta não se resume somente aos fatos do parágrafo anterior. No final do mês de novembro de 1935, em várias capitais e cidades brasileiras, membros, principalmente militares, da Aliança Nacional Libertadora²⁸, recentemente fechada pelo governo de Getúlio, colocaram em prática o plano de combater o fascismo mundial; incluindo, portanto, a derrubada de Vargas. Seguindo, orientações da VII reunião da Internacional Comunista realizada em Moscou²⁹, a chamada Intentona Comunista de 1935 foi um fracasso retumbante. Em Natal, por exemplo, “as tropas do Exército e a polícia retomaram o poder das mãos dos revoltosos, logo no dia 27”³⁰. No Rio de Janeiro, onde também houve as chamadas “quarteladas”³¹, o general Eurico Gaspar Dutra, conseguiu rapidamente coibir a ação³². Portanto, o caráter desorganizado, incongruente e instável que acompanhou toda a história do PCB até o momento fora evidente também no referente levante³³.

As consequências do levante de 35 foram avassaladoras para o PC brasileiro e para os indivíduos que simpatizavam com o ideal socialista, trotskista ou comunista³⁴. Os principais dirigentes do partido foram presos ou exilados. Luís Carlos Prestes e Olga Benário viveram

²⁸ Fundada oficialmente em 1935, a Aliança Nacional Libertadora, também conhecida pela sigla ANL, caracterizou “uma frente ampla em que se reuniram representantes de diferentes correntes políticas — socialistas, comunistas, católicos e democratas — e de diferentes setores sociais — proletários, intelectuais, profissionais liberais e militares —, todos atraídos por um programa que propunha a luta contra o fascismo, o imperialismo, o latifúndio e a miséria. Foi fechada em 11 de julho de 1935, continuando a atuar na clandestinidade até a eclosão da Revolta Comunista, no mês de novembro do mesmo ano”. In: BELOCH, Israel.; ABREU, Alzira Alves de. (coordenadores). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro (pós-1030)**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-nacional-libertadora-anl> Acesso em: 19 de jun. 2016.

²⁹ BELOCH, Israel.; ABREU, Alzira Alves de. (coordenadores). **PCB**. In: **Dicionário histórico-biográfico brasileiro (pós-1030)**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb> Acesso em: 19 de jun. 2016

³⁰ Idem, FGV, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb> Acesso em: 19 de jun. 2016

³¹ FAUSTO, Boris. (Org.). **Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935)**. In: **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap.8, p.431-530.

³² BELOCH, Israel.; ABREU, Alzira Alves de. (coordenadores). **PCB**. In: **Dicionário histórico-biográfico brasileiro (pós-1030)**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb> Acesso em: 19 de jun. 2016

³³ FAUSTO, Boris. (Org.). **Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935)**. In: **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap.8, p.431-530.

³⁴ Idem. Cap. 8, p. 444.

na clandestinidade por alguns meses, mas logo foram capturados³⁵. Ademais, a Intentona foi responsabilizada por ser uma das principais causas do aumento do caráter repressivo³⁶ da nova fase do governo de Vargas em 1937; permitindo também, a inexorável incompatibilidade das Forças Armadas com o Partido Comunista³⁷. Por esse motivo, o PCB seria o principal alvo das ações repressoras do Estado Novo e sua direção se caracterizaria novamente pela instabilidade. A bancada intelectual do partido fora completamente desarticulada. A célula comunista brasileira encontrar-se-ia abalada até 1945, mas não aniquilada³⁸. Frente a isso, Jerosino, segundo o trecho da entrevista, não sofrera impacto direto com nenhum desses eventos, esclarecendo, portanto, que até o final dos anos 30 o comerciante não se atentava muito para questões políticas.

Contudo, em 1941 a vida de Jeró tem uma reviravolta. Procurando expandir as possibilidades de retorno financeiro, e com isso aumentar seus bens, ele se muda para Vila Pereira, conhecendo, por conseguinte, novas pessoas. Isso transforma sua rotina, e principalmente, sua concepção crítica do mundo. A alienação ao universo político, descrita nos parágrafos anteriores, degradingo ao passo que ele entra em contato com indivíduos que lhe apresentam novas ideologias políticas.

³⁵ Segundo Boris Fausto, Prestes fora capturado em março de 1936. Idem. Cap. 8, p. 444.

³⁶ Esse caráter repressivo do governo de Vargas é mais bem explicado no seguinte trecho: “A repressão, acompanhada do estabelecimento do “estado de emergência”, da aplicação da recém-promulgada Lei de Segurança nacional, liquidou não só a Aliança como preparou o caminho para a implantação do Estado Novo”. Retirado do livro: FAUSTO, Boris. (Org.). **O PCB: Os dirigentes e a organização**. In: **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap. 8, p. 445.

³⁷ FAUSTO, Boris. (Org.). **O PCB: Os dirigentes e a organização**. In: **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap. 8, p.445.

³⁸ FAUSTO, Boris. (Org.). **O PCB: Os dirigentes e a organização**. In: **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap. 8, p.479.

Capítulo 2- O homem em Fernandópolis (1941-1994).

Como demonstrado no capítulo anterior, o baiano Jerosino viveu desde sua chegada a São Paulo, até os anos finais da década de 30, como um sujeito que ambicionava estabilizar-se financeiramente. Seu objetivo foi alcançado em meados de 1935 com a posse de um comércio fixo na vila de Neves Paulista. Além disso, ele formou uma diminuta família que contava com uma filha pequena e sua esposa Avelina. Porém, a ambição por novas oportunidades de retorno financeiro, unida ao fato de querer uma vida mais afortunada para sua família, exigiu a procura de viabilidades em outra localidade. Esse novo capítulo da vida de Jerosino Pereira, e, portanto, da narrativa, caracteriza-se pelo paralelo a Menocchio. Isso se deve ao fato de ambos os personagens produzirem fontes a partir de suas manifestações ideológicas, ambos incomodaram as autoridades de suas respectivas épocas através de concepções. As similaridades dessas narrativas, ora se manifestam ora se ocultam, e a continuidade desse trabalho evidenciará isso.

2.1 Antes do comunismo (1941-1945).

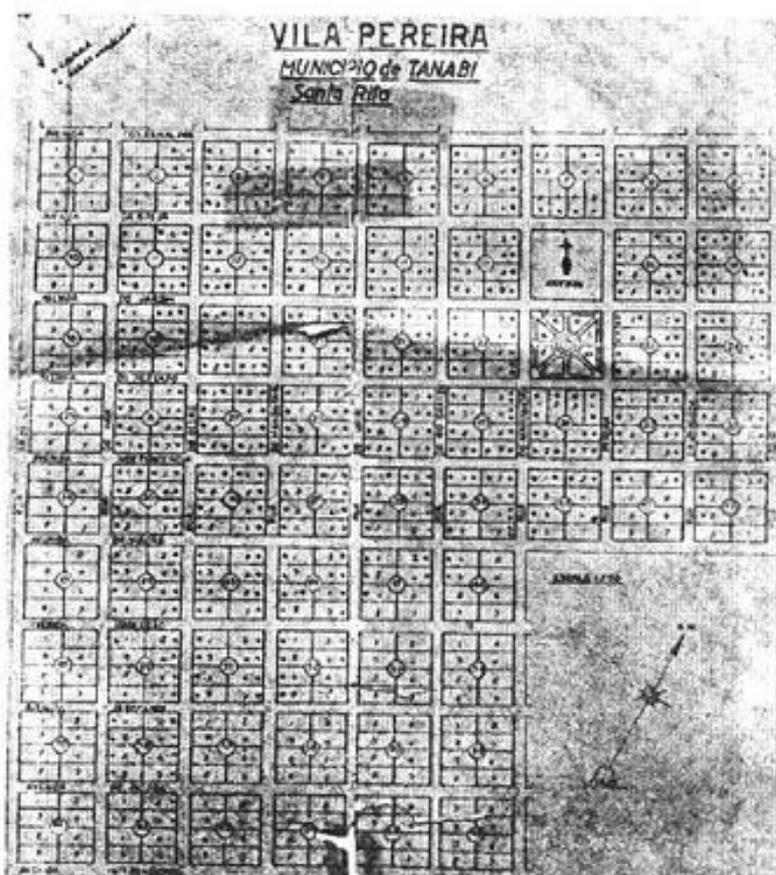
Os ensejos buscados por Jeró foram encontrados no projeto de formação de uma nova vila. Joaquim Antônio Pereira, um agrimensor da região de Olímpia³⁹, comprou e mediu, durante toda a década de 20, várias terras localizadas mais ao oeste do estado; próximas das fronteiras de Minas Gerais e Mato Grosso⁴⁰. Percebendo que a fundação de uma nova vila valorizaria suas terras; forçando também, a construção de estradas para outros estados;

³⁹ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.32. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 07 de jun. 2016.

⁴⁰ É importante notar que, até meados de 1977, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul eram um mesmo estado. MARIN, Jéri Roberto; TERRA NETA, Elda M. P. **A construção de uma região na obra história de Mato Grosso do Sul, de Hildebrando Capestrini e Aciyr Guimarães**. UFMS/CPAQ, Aquidauana, 2014. Disponível em: http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1410950114_ARQUIVO_AconstrucaodeumaregiaonaobraHistoriadeMatoGrossodoSul-teste.pdf. Acesso em: 07 de jun. 2016.

Antônio Pereira destacou dezoito alqueires de uma de suas fazendas para a formação de um aglomerado populacional que seria arquitetonicamente planejado⁴¹ (Fig.2).

Figura 2- Planta baixa de Vila Pereira planejada por Leonardo Posela Segundo, 1942.



Fonte: jornal A Folha, Rio Preto, 01/03/1942, apud PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. Fernandópolis- nossa história nossa gente. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.34⁴².

Era a oportunidade que Jerosino não perderia, ele foi atraído pela “magnanimidade e facilidade apresentadas pelo fundador, que doava datas na vila àqueles que quisessem [...] residir e construir [...]”⁴³. Segundo o trecho relevado, Antônio Pereira “doava” parte suas

⁴¹PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis- Editora Bom Jesus, 1996, p.32. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 07 de jun. 2016.

⁴² Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 19 de jun. 2016.

⁴³ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.34. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

terras aos novos moradores. A exatidão de tal informação não pôde ser confirmada, afinal, não existem indícios dentro da narrativa apresentada pelo livro *Fernandópolis- nossa história, nossa gente*, que esclareçam se as terras da região eram realmente doadas, ou elas eram adquiridas por preços irrisórios. Contudo, sabe-se que antes de destacar os dezoito alqueires de sua terras, para a formação do novo aglomerado, Antônio Pereira vendera várias glebas para fazendeiros que passaram a residir em tal área antes da formação de Vila Pereira⁴⁴.

Invariavelmente, a relação desse novo arrojo com Jerosino Pereira é descrita da seguinte maneira pela obra *Fernandópolis- nossa história, nossa gente*: “O senhor Gerosino Pereira também se instala no povoado em 1941, com o armazém de secos e molhados e, logo depois, adquiriria uma pensão do senhor José Fernandes”⁴⁵. Como pode ser observado nessa passagem, o primeiro nome do baiano fora escrito com a letra gê, por todo esse livro seu nome é escrito dessa forma. Todavia, analisando documentos oficiais de registro⁴⁶ e as assinaturas do protagonista, corrijo essa informação afirmando ser a grafia correta de seu nome iniciada pela letra jota. Superada essa questão, o trecho mostra Jeró, a princípio, dando continuidade ao comércio que vinha fazendo em Neves Paulista, isso provavelmente possibilitou a formação de novos laços de amizade com grande parte das pessoas da vila recém-inaugurada.

Mas, não demoraria muito para que novidades ocorressem. Como o excerto anterior bem evidencia, Jerosino decide mudar novamente de atividade; dessa forma, ele compra uma pensão e passa a oferecer serviços de hospedagem a várias pessoas. Para que essa atividade fosse possível ele contava com a contribuição de sua esposa Avelina Pereira, que esclarece esse período em uma entrevista⁴⁷; concedida às professoras Rosa Costa e Áurea Sugahara, presente no seguinte trecho:

Entrevistadora: Dona Avelina, onde se localizava a pensão?

Avelina Pereira: Era na esquina onde hoje está a Loja Arapuã. Lá a gente ficou mais de dois anos. Era gente de todo lado.

⁴⁴ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.33. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

⁴⁵ Idem, p. 37.

⁴⁶ Documentos colhidos com familiares do referente indivíduo, hoje fazem parte do acervo pessoal do autor.

⁴⁷ Entrevista de Avelina Pereira presente no livro: ⁴⁷ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.33. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

Entrevistadora: Só homem, dona Avelina?

Avelina Pereira: Ih! Era homem, era mulher, era mudança, era uma trabalhadeira... tinha dia que emendava almoço e janta.

Entrevistadora: A pensão tinha quantos quartos?

Avelina Pereira: Tinha dez, era (sic) sete na casa e mais três cômodos no fundo e vivia lotadinha. Ih! Eu já trabalhei tanto nessa vida, que Deus me livre, eu fico pensando: será que foi eu mesmo? Mas decerto que foi né? ⁴⁸

Além de narrar sua labuta, Avelina exemplifica como essa localidade em formação recebia pessoas de várias regiões do país. Vila Pereira era um ponto estratégico, próximo de três Estados, portanto, próximo dos principais fornecedores de gado de corte a um Estado aquecido economicamente. Ou seja, a promessa de Joaquim Antônio Pereira se concretizava. O pequeno aglomerado se desenvolvia exponencialmente em 1942; a cerca disso, não demoraria muito para que ele rivalizasse com outro povoado próximo, chamado Brasilândia (que teve como fundador Carlos Barozzi) ⁴⁹.

Apesar de ser um pouco mais antiga, Brasilândia foi ultrapassada na questão do desenvolvimento. Segundo a obra **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**, tal fenômeno pode ser explicado por diferentes óticas⁵⁰, uma delas é “trabalhar com a psicologia do fundador que, segundo [Pierre] Monbeig, ‘é de suma importância para o desenvolvimento de um núcleo pioneiro’” ^{51 52}. Dentro desse escopo, a personalidade de Barozzi, um homem mais fechado, sistemático, que não aceitava alguns grupos étnicos, como os turcos⁵³; prejudicava o desenvolvimento de sua área. Em contra partida, Joaquim Antônio, um indivíduo mais

⁴⁸ Entrevista concedida por Avelina Rodrigues Pereira às entrevistadoras Rosa Costa e Áurea Sugahara, presente no livro: PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.36. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

⁴⁹ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.42. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

⁵⁰ Idem, p.42.

⁵¹ Idem, p.42.

⁵² Sobre o autor ao qual o trecho faz referência: Pierre Monbeig foi um geógrafo francês que lecionou na Universidade de São Paulo na década de 50. Segundo ele a designada “psicologia do bandeirante” configurava-se com um dos fatores principais ao desenvolvimento de determinadas regiões. Para maiores informações acerca desse ponto, consultar: VASCONCELOS, Vitor Vieira.; HADAD, R. M.; MARTINS JUNIOR, P. P. **Pierre Monbeig: da Escola Regionalista Francesa às Frentes Agropecuárias Brasileiras**. Revista eletrônica Ateliê Geográfico UFG, Goiânia, v.6, n. 4, Dez. 2012, p. 41-60. Disponível em: <https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/atelie/article/view/21983/15114> Acesso em: 20 de jun. 2016.

⁵³ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.42. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

comunicativo, extrovertido e promovedor de suas terras proporcionava um ambiente mais agradável e propício ao crescimento⁵⁴.

Tal rivalidade tomou proporções políticas e sociais. Ambos os aglomerados encontravam-se em descompasso no ano de 1944; isso prejudicava o desenvolvimento de ambas as regiões. Foi então que, sob a intervenção e diálogo proposto por Fernando Costa, os patronos das duas vilas selaram uma união político-religiosa visando o desenvolvimento mútuo daquelas terras tão próximas. Essa versão, considerada formal, pode ser observada no seguinte trecho, retirado do Diário Oficial de São Paulo:

[...] o Sr. Fernando Costa visitou no ano passado aquela rica e próspera região da Alta Araraquarense. Elaborou-se, justamente nessa ocasião, o projeto de reforma da divisão territorial do Estado. Ali, onde Brasilândia e Pereira eram expressões magníficas da prosperidade local, deveria ser localizada a sede de um novo município. O Sr. Fernando Costa tomou conhecimento da rivalidade existente entre as duas vilas. Sentiu-a no próprio local. E compreendeu com seu notório espírito conciliador, a necessidade de uma solução harmônica.⁵⁵

Segundo essa versão, foi da união de dois aglomerados rivais que nasceu Fernandópolis, uma nova cidadezinha que, através de seu nome, prestava homenagem ao personagem que pôs fim a uma incongruência⁵⁶. Porém existe uma segunda narrativa sobre a fundação do município paulistano que exclui a figura de Fernando Costa. Essa outra versão afirma ainda que a união dos dois povoados não findou a rivalidade entre Barozzi e os moradores de Pereira⁵⁷. Essa narrativa oposta a oficial, observada no depoimento do morador Benedicto Cunha, concedido ao jornalista local Wilson Granella⁵⁸; afirma que; depois de fundado Fernandópolis, o Cartório de Paz de Brasilândia fora transferido para Pereira, agora localidades de um mesmo município; isso não fazia parte de um acordo entre os dois patronos⁵⁹. Tal ocorrência causou uma nova inimizade, Barozzi decidiu não contribuir mais

⁵⁴ Ibidem, p.42.

⁵⁵ SÃO PAULO, Diário de São Paulo, 1944, apud PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p. 44-45. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

⁵⁶ Idem, p.44

⁵⁷ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.46- 48. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

⁵⁸ Entrevista de Benedicto Cunha concedida ao jornalista Wilson Granella. In: Idem, p. 46.

⁵⁹ Entrevista de Benedicto Cunha concedida ao jornalista Wilson Granella. In: Idem, p. 46.

com o desenvolvimento da cidade⁶⁰. Acerca disso, Carlos Barozzi vendeu parte de suas terras e passou a auxiliar somente a comunidade moradora de Brasilândia, configurada agora como bairro⁶¹.

De qualquer forma, Fernandópolis havia sido instalada em janeiro de 1945 pelo decreto-lei nº 14.334⁶², isso colocou em pauta, tanto para a comunidade local quanto para Jerosino Pereira, novas prioridades. Deste modo, Jeró e os indivíduos daquela região moravam agora em uma cidade legalmente reconhecida por um Estado de grande relevância nacional. Isso proporcionou um comportamento desenvolvimentista dos moradores em 1946. Dentro desse novo parâmetro são inauguradas lojas maçônicas, comércios, franquias e grupos políticos.

2.2 Atuando como membro do PCB (1945-1964).

Como pode ser observado ao final da narrativa anterior, o recente reconhecimento legal da cidade paulista configurou uma mudança comportamental dos moradores locais. Essa conduta, dos agora fernandopolenses, salienta também o momento proposto pelo pós-segunda grande guerra, e pós-era Vargas. Ou seja, não foram somente os moradores da pequena cidadezinha localizada ao noroeste do estado de São Paulo os viventes de um aparente renascimento; na realidade eles se constituíam como um indicador das novidades mundiais e nacionais posteriores a dois grandes eventos.

O mundo vivia o início da bipolarização em 1946, o centro europeu tentava encaixar os cacos consequentes de um grande conflito. Dentro da exaustão dos países combatentes da Segunda Grande Guerra, só União Soviética e Estados Unidos sobreviveram; dessa maneira, duas ideologias conflitantes dividiriam o poder do mundo⁶³. Elas travariam um confronto

⁶⁰ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.50-51. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

⁶¹ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.50-51. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

⁶² SÃO PAULO. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Divisão Administrativa e Judiciária do Estado. Do. 15/05/1945, p.1. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/norma/?id=122331> Acesso em: 22 de jun. 2016.

⁶³ HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003,. 632 p.

peculiar e constante por 45 anos⁶⁴. Frente a esse cenário mundial o Brasil vivia um clima de reabertura política decorrente da queda de Vargas no final de 1945⁶⁵. O PCB, por meio das alianças desesperadas de Getúlio e da abertura política promovida pelo fim do Estado Novo, viveria, em 1946, o início de seus tempos áureos⁶⁶. A atual ideologia moderada do partido, que buscava mudanças pacíficas e a união de todos os patriotas, agregaria um contingente considerável de novos filiados⁶⁷. É, portanto, dentro desse panorama que começam a surgir fontes que relacionam o comunismo a Jerosino.

Tais fontes foram fornecidas pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo, no dia 19 de Março de 2014. Segundo eles, todas as cópias dos documentos produzidos pelos órgãos de investigação, que continham o nome de Jerosino Pereira foram-me entregues; isso totalizou 68 páginas. Dentro dessas páginas temos apreensões, ofícios, listas, interrogatórios, relatórios e processos. Pela impossibilidade de utilizar e explicar todos os documentos de forma detalhada em um limite de páginas como exigido desse trabalho, optei por destacar somente alguns desses documentos; aqueles que contêm maiores informações sobre Jeró e sobre a repressão aos comunistas da região.

A primeira fonte, um relatório produzido em novembro de 1969 pela delegacia Regional de Rio Preto, destinado ao Serviço de Informações do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DOPS)⁶⁸, comprova que Jerosino era examinado de perto pelo governo e seus órgãos repressores. O documento narra à vida do protagonista da seguinte maneira:

⁶⁴ HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003, p. 223- 224.

⁶⁵ FAUSTO, Boris. (Org.). **O PCB: Os dirigentes e a organização**. In: **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap. 8, p. 488.

⁶⁶ SILVA, Fernando Teixeira da.; SANTANA, Marco Aurélio. **O equilíbrio e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge.; REIS, Daniel Aarão (Org.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945- 1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 102-140.

⁶⁷ Idem, p. 488- 489.

⁶⁸ Segundo o autor e pesquisador Vagner José Moreira: “O DOPS foi criado no Estado de São Paulo em 30/12/1924 e a sigla DEOPS, para ‘Departamento Estadual de Ordem Política e Social’, tornou-se usual a partir de 1975, alterando inúmeras vezes a sua denominação durante todo esse período. Geralmente, a Seção Política do DOPS era encarregada de investigar e reprimir as organizações políticas e a Seção Social encarregada de investigar e reprimir os movimentos sindicais e diversos movimentos sociais por direitos trabalhistas e sociais, para, assim, forjar uma suspeição generalizada e estigmatizada sobre diversos sujeitos e organizações e movimentos”. In: MOREIRA, Vagner José. **Os sentidos do passado: a questão agrária e a luta pela terra no interior de São Paulo (Brasil, 1949)**. Sociedade Española de História Agrária- Documentos de trabajo, DT-SEHA n. 1405, 2014. Disponível em:

<http://repositori.uji.es/xmlui/bitstream/handle/10234/88429/DT-SEHA%201405.pdf?sequence=1> Acesso em: 13 de jun. 2016.

Relatório da Regional de Rio Preto informa que o marginado, passou a residir em Fernandópolis, estabelecendo-se com um Bar, posteriormente comprou uma pensão e atualmente é proprietário de uma relojoaria. Sua situação econômica é boa. Desde a fundação do PCB nesta cidade, é elemento proeminente e acirrado defensor e propagador de ideias “vermelhas”, o que já lhe custou diversas prisões correcionais. Foi companheiro de Antônio Alves dos Santos, vulgo “Antônio Joaquim”, que em 1949, foi chefe de uma revolta armada nesta cidade. O marginado é casado, possuindo filhos. Não resta dúvida quanto sua ideologia.⁶⁹

Somando o desenrolar da história até o momento, ao trecho do relatório, torna-se claro que Jeró passou a se interessar pelas ideologias políticas socialistas entre 1945 e 1946 acompanhando, assim, a evidenciação do PCB no pós-era Vargas. Um homem autodidata que “frequentou somente seis meses da escola”⁷⁰, agora se configurava como um indivíduo ideológico, firme de suas convicções. Além disso, ele conseguira atingir um bom status econômico e se apresentava como um membro social atuante.

Um morador local tenta explicar essa mudança brutal do comportamento de Jerosino da seguinte forma: “O Gerosino era comunista, mas tinha uma Santa Ceia na sala e outra imagem de santo no quarto, fanatizaram ele”⁷¹. Tanto o trecho do morador local, quanto o trecho produzido pela delegacia Regional de Rio Preto, ilustram bem o imaginário anticomunista. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta, o anticomunismo brasileiro “surgiu logo após a Revolução de 1917”⁷². Por um longo período, tal ideologia reativa aos idealizadores marxistas, permeou somente as camadas, elitista e política da população. Porém, a Intentona de 35, ação que teve como consequência a grande repressão aos comunistas promovida pelo Estado Novo, possibilitou o que Rodrigo Patto chama de “primeira grande ‘onda’ anticomunista”⁷³. Esse fenômeno permitiu uma espécie de divulgação do anticomunismo, com isso, as camadas populares começaram, também, a manifestar reações aos bolchevistas⁷⁴.

⁶⁹ SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ofício nº C2145/ SCGI/SP, de 26 de Novembro de 1969. São Paulo, 2014.

⁷⁰ Trecho de entrevista concedida por Sidney filha de Jerosino. In: PEREIRA, Felipe Augusto Vicente. Entrevista realizada dia 2 de agosto de 2015 com Sidney Pereira Del Grossi (filha de Jerosino) e Dorvalino Del Grossi (genro de Jerosino). São Paulo, 2015. Formato 3GA (76.031KB, 80min).

⁷¹ Entrevista concedida por Francisco León ao entrevistador da obra Fernandópolis: Nossa história, nossa gente. PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.46- 48. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

⁷² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 1.

⁷³ Idem, p. 179.

⁷⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002. 297p.

Em específico, o trecho da entrevista dada por Francisco León, presente no parágrafo anterior, estampa claramente um caráter proveniente do imaginário anticomunista católico. Ou seja, ao contrapor comunismo e religião, o depoente mostra uma espécie de “associação entre comunismo e demônio”⁷⁵. No Brasil, vários religiosos se utilizaram da “demonização dos comunistas”⁷⁶ para combater a ideologia que, segundo eles, se configurava como a “última artimanha engendrada pelo ‘antigo tentador’ para desviar o homem do bom caminho”⁷⁷. Com o passar dos anos esse discurso fora fixado entre os fiéis, tendo como resultado, relatos semelhantes ao de Francisco León.

Apesar de manifestar um caráter anticomunista católico, demonstrado pela contraposição entre marxismo e religião, e construir uma idiossincrasia puramente pacifista de Jerosino; o trecho da entrevista concedida por León elucida uma verdade. Jerosino nem sempre foi comunista, e ao entrar em contato com indivíduos conhecedores do marxismo, passou a se politizar e a adotar o bolchevismo. Essa versão é também confirmada por Sidney, no seguinte trecho: “o interesse dele [Jerosino Pereira] pela política começou depois que ele teve a pensão, lá por 1945 e 46, ele se reunia com Felisberto, Fernando Jacob, Antônio Joaquim, Alberto Senra, e mais uma turma”⁷⁸. Como se apreende por esse excerto; entre as figuras que apresentaram Jerosino ao comunismo, estavam Fernando Jacob e Antônio Alves dos Santos.

Fernando Jacob caracterizava-se como o membro mais intelectual do comunismo na cidade. Era provavelmente um dos únicos comunistas da região que possuía ensino superior completo, tendo se formado em direito pela Universidade de São Paulo. Desde seus tempos de universitário assinalava suas convicções políticas bem definidas. Prova desse argumento foi sua participação no Centro Acadêmico “XI de Agosto”, e na passeata do silêncio contra o Estado Novo⁷⁹. Desde que se instalara efetivamente em Fernandópolis no ano de 1947, Fernando fora defensor jurídico dos comunistas cidadãos. Sua atuação vermelha ativa

⁷⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 49.

⁷⁶ Idem, p. 49.

⁷⁷ Idem, p. 49.

⁷⁸ Áudio hoje pertencente ao arquivo pessoal do autor. PEREIRA, Felipe Augusto Vicente. Entrevista realizada dia 2 de agosto de 2015 com Sidney Pereira Del Grossi (filha de Jerosino) e Dorvalino Del Grossi (genro de Jerosino). São Paulo, 2015. Formato 3GA (76.031KB, 80min).

⁷⁹ PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.176. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

terminara em meados de 1964 com o Golpe Militar e com o enfraquecimento do PC brasileiro.

Antônio Alves dos Santos, conhecido também pelo apelido Antônio Joaquim, se apresentava como o comunista prático; era o representante principal do PC brasileiro na cidade, recebendo ordens diretas da capital paulistana. Segundo relatos⁸⁰, ele era considerado um “vereador de Prestes”⁸¹, para mais, era um exímio defensor da revolução chegando a articular um levante importante em Fernandópolis no ano de 1949. Alves dos Santos era provavelmente a figura mais visada pela repressão; os moradores que o conheciam pouco viam nele alguém destemido e controverso. Aqueles que conviviam diariamente com ele rememoram o indivíduo com saudade e afago⁸². Desde o levante em 1949, Antônio passou a viver na clandestinidade, assim permanecendo por vinte anos.

Em meio a personagens tão marcantes como Fernando Jacob e Antônio Alves, Jerosino se comportava como um membro comunista de divulgação. Ou seja, ele não compactuava com levantes armados como o de 1949⁸³ e também não possuía arcabouço e liderança suficiente para ser designado como uma frente intelectual importante, como era o caso de Jacob, dito o “Luís Carlos Prestes de Fernandópolis”⁸⁴. Com isso, o papel do comerciante era o de receber e entregar folhetos, promover uma mudança ideológica gradual, e hospedar dirigentes foragidos do PCB. Além disso, ele ajudava a organizar comitês e reuniões. Ao lado dele, havia outros membros de funções semelhantes. Foi por meio dessas pessoas que o comunismo de Fernandópolis criou robustez, permitindo, em 1946, a fundação,

⁸⁰ Vários relatos presentes no livro, Fernandópolis- nossa história, nossa gente, tratam de Antônio Joaquim. In: PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.286. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016..

⁸¹ Os chamados “vereadores de Prestes” eram membros fiéis a Luís Carlos que se elegiam sob outras legendas legais durante o governo Vargas. Alves dos Santos exemplifica essa explicação por ter sido eleito vereador pela UDN, apesar de não representar os ideais desse partido. In: Idem, p.286. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

⁸² Idem, p. 289- 290.

⁸³ Fontes que relacionem Jerosino ao levante armado realizado em Fernandópolis em 1949 são inexistentes. Além disso, segundo Dorvalino, seu genro, Jerosino não participou do levante de 1949. Tal defesa se apresenta no seguinte trecho de entrevista: “Uma vez teve um manifesto, promovido pelo pessoal de Populina mais o Antônio Joaquim, daí ele não quis participar. Ele era teimoso, mas de briga ele não participava”. Áudio hoje pertencente ao arquivo pessoal do autor. PEREIRA, Felipe Augusto Vicente. Entrevista realizada dia 2 de agosto de 2015 com Sidney Pereira Del Grossi (filha de Jerosino) e Dorvalino Del Grossi (genro de Jerosino). São Paulo, 2015. Formato 3GA (76.031KB, 80min).

⁸⁴ Carta anônima anexada aos Autos de Processo, página 14, verso, volume 1, apud PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.291. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

de uma célula nomeada Monteiro Lobato⁸⁵. Dessa forma, os bolchevistas cidadãos passaram a preocupar as autoridades regionais.

Ao passo que se ligou o sinal de alerta das autoridades repressoras, a articulação de combate aos comunistas da região noroeste paulista deu-se início. Para isso era necessário o compasso dos delegados locais com seus superiores. A estrutura de repressão dos anos de 1940 e 50 precisava ser articulada e eficiente, principalmente a partir de 1948, quando o PCB cairia novamente na ilegalidade⁸⁶. Porém, observando o comportamento dos moradores fernandopolenses, nota-se que o anticomunismo ainda não havia permeado eficientemente todas as camadas sociais.

Ao fim e ao cabo, as relações pessoais ainda prevaleciam perante a manutenção da ordem política nos anos 40. Essa razão pode ser observada em um novo trecho da entrevista concedida pelo antigo delegado fernandopolense Francisco León: “Mas o diabo é que era tudo gente boa, tudo amigo, só que tinham um ideal, né? É o fanatismo. Eu convivi bem com todos, apesar de ser delegado”⁸⁷. Como a passagem esclarece León ainda apresenta alguns elementos provenientes do discurso anticomunista, como a contraposição entre bonança e ser comunista, ou designar como fanatismo a adoção de ideias socialistas. Porém, esse estigma não chegava a prejudicar seu relacionamento com os marxistas da cidade. Esse fenômeno corrobora com a tese, já elucidada anteriormente, de que o anticomunismo fora um processo iniciado pelas elites, e que gradativamente, com o passar dos anos, atingia e influenciava o imaginário popular da sociedade⁸⁸.

Mesmo contando com a inconstância das investigações, relativas aos delegados em exercício, a articulação repressiva conseguira avançar. Assim sendo, em meados de 1946, quando houve uma recente troca de delegados em Fernandópolis, a perseguição aos comunistas prosseguiu inexoravelmente. Sobre essa articulação investigativa na pequena cidade

⁸⁵ Informação presente no Auto de Qualificação de José Ramos Filho. In: SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ofício nº 1.070, de 23 de Setembro de 1946. São Paulo, 2014.

⁸⁶ FAUSTO, Boris. (Org.). **O PCB: Os dirigentes e a organização**. In: **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap. 8. 714 p.

⁸⁷ Entrevista concedida por Francisco León ao entrevistador do livro **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.287. Disponível em:

<http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

⁸⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002. 297 p.

paulistana, temos o ofício-256 produzido pelo então delegado de Fernandópolis, Antônio Espinhel Castelo Branco, de 16 de Julho de 1946:

Venho por meio deste, mui respeitosamente, comunicar a V. Excia. que, esta Delegacia, em investigação secreta, colheu informações seguras de que o Partido Comunista tinha preparado um golpe geral no País, golpe esse que deveria realizar-se há coisa de vinte e cinco dias e que consistia em prender todas as autoridades, cortar todas as vias de comunicação, inclusive estradas de ferro, apossando-se de todos os cargos públicos. Para isso foram todos os dirigentes do Partido Comunista local chamados à Capital do Estado, a fim de receberem instruções. Não foi possível, até a presente data, descobrir se o motivo certo pelo qual o golpe não foi levado a efeito, havendo suspeita de que tenha sido adiado para outra ocasião. As informações acima foram colhidas por pessoas de minha absoluta confiança que, infiltrada a propósito no meio comunista local, em atividade secreta desta Delegacia, obteve de um comunista.⁸⁹

O extrato anterior torna evidente a diferença do imaginário anticomunista de Antônio Espinhel, com relação à concepção do delegado Francisco León. Como já fora explicado, León até demonstra resquícios de um imaginário anticomunista em suas falas, o que não impedia sua boa relação com os membros engajados da cidade. Por outro lado, a manifestação de Antônio Espinhel configura um imaginário promovente de uma reação direta aos filiados locais. Ou seja, Espinhel, movido pelo seu receio à ideologia comunista, promove uma perseguição mais articulada.

Não se sabe ao certo a origem desse imaginário anticomunista mais fundamentado de Antônio Espinhel, porém as características do discurso do ofício-256 nos dão pistas. O esforço em investigar e desarticular o comunismo local junto com o grande receio de uma nova manifestação bolchevista nacional, demonstra o nacionalismo de Espinhel. O imaginário anticomunista produzido pelo nacionalismo fora muito comum nos meios militares e políticos dos anos 30⁹⁰. Para os patriotas possuidores desse imaginário, o comunismo significava a destruição “da ordem, da tradição, da integração e da centralização”⁹¹ do país. Ainda segundo esses nacionalistas, o comunismo traduzia a ameaça estrangeira, que faria do Brasil um quintal soviético, comprometendo, assim, a soberania nacional⁹². Levando em conta esses

⁸⁹ SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ofício número 256, de 16 de Julho de 1946. São Paulo, 2014.

⁹⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002. 297 p.

⁹¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 29.

⁹² Idem, p. 55- 68

fatores, é muito provável que o imaginário de Espinhel tenha se originado no meio militar ou político dos anos 30, oriundo de grandes cidades⁹³.

O ofício-256 produzido pelo delegado Antônio Espinhel, gera uma resposta do Serviço de Segurança. Essa réplica configurou-se em nota reservada de número 60260, produzida por Geraldo Cardoso de Mello, delegado chefe do Serviço de Segurança:

Snr. Dr. Delegado de polícia de Fernandópolis, em resposta ao vosso ofício nº 256-Reservado- dirigido ao Exmo. Snr. Dr. Secretário, sobre o golpe geral que o Partido Comunista teria preparado no País, solicito-vos as necessárias providências, no sentido de prestar a este Serviço Secreto informes precisos, com indicação de fatos ou nomes de pessoas. ⁹⁴

O presente excerto torna clara a necessidade da atuação conjunta entre delegacia local e os órgãos mais elevados da polícia. Além disso, observa-se que, nos anos 40, os detalhes das ações repressoras organizadas em localidades afastadas dos grandes centros urbanos eram desconhecidos por parte das divisões superintendentes. Desse modo, ordens diretas, do DOPS ou da Secretaria de Segurança Pública, eram mais raras; ocorriam somente em casos peculiares de maior periculosidade, como levantes armados, por exemplo. Em contrapartida, com Golpe de 1964, nota-se uma ação mais direta dos órgãos de defesa, como a Marinha, o Exército e o próprio DOPS⁹⁵. Desse modo, a coibição aos comunistas, antes incongruente, passaria a ser marcada pela sistematização, eficiência e brutalidade nos anos de chumbo⁹⁶.

Na tréplica do delegado Antônio Espinhel, concebida no dia 23 de agosto de 1946, os detalhes da operação investigativa realizada em Fernandópolis são informados. Segue o trecho desse relato:

[...] tem esta Delegacia um inspetor de quartirão, de nome Anibal Aidar, fazendeiro, residente próximo à povoação de Estrela D'Oeste, deste município. Esse inspetor, de inteira confiança desta Delegacia, reside num lugar onde é enorme o elemento comunista, que é dirigido pelo comunista-agitador Mentor Cotrim. Esse inspetor, Anibal Aidar, foi a propósito afastado dos serviços desta Delegacia, para que se infiltrasse no seio comunista daquela localidade, para observar os movimentos dos comunistas, sem despertar a desconfiança dos mesmos. Tem esse inspetor, assim, prestado ótimos serviços à Delegacia, comunicando-me fatos que

⁹³ Idem, 297p.

⁹⁴ SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Nota reservada 60260, de 12 de Agosto de 1946. São Paulo, 2014.

⁹⁵ ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 309 p.

⁹⁶ Idem. 309 p.

ocorrem entre os comunistas e um desses fatos foi o que originou o meu ofício nº 256, dirigido ao Exmo. Snr. Dr. Secretário da Segurança Pública.⁹⁷

O coeficiente que mais sobressalta do trecho citado é o papel do chamado “inspetor de quarteirão”. Tal figura existe desde os anos imperiais, em meados de 1830⁹⁸. Tratam-se de pessoas encarregadas de fiscalizar áreas de difícil acesso por parte do juiz de paz ou delegado, eram “autoridades nas portas das casas”⁹⁹. Além do mais, auxiliavam na fiscalização e na manutenção da ordem; em função disso, possuíam o poder de dar voz de prisão e coibir pequenos delitos praticados por alguém de sua região¹⁰⁰. No século XX tal figura perdeu sua importância de maneira gradativa pelo país, em áreas com urbanização avançada eles já não existiam mais. Porém, como demonstra o documento, os “inspetores de quarteirão” ainda configuravam o policiamento em áreas com recente crescimento populacional, caso de Fernandópolis.

O relato do delegado fernandopolense continua:

No dia 12 ou 13 do mês de Julho último, o citado inspetor de quarteirão, Anibal Aidar, compareceu a minha residência e me comunicou que obtivera informação do aludido dirigente Mentor Cotrim, que o Partido Comunista, há coisa de 25 dias, daquela data, tinha preparado um golpe em todo o país, [...]. De fato, esta delegacia constatou que àquela época os dirigentes do Partido Comunista local, como sejam Mentor Cotrim, Antônio Alves dos Santos, vulgo Antônio Joaquim, Joaquim Cotrim Junior, vulgo Nhozinho, José Ramos Filho, Oswaldo Felisberto, Jerosino Pereira, Dr. Alberto Senra, Amador Joly Filho, (espião comunista) Pautilio Joaquim dos Santos e José Maria Paschoalick, por duas vezes, com pequeno espaço entre uma e outra viagem, se dirigiram à Capital do Estado.¹⁰¹

Finalizando seu relatório, Antônio Espinhel faz um pedido:

É terrível a situação, suspeito que há qualquer coisa de perigo no ambiente. No entender desta Delegacia, pediria a Vossa Excelência que mandasse um ou dois

⁹⁷ SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Delegacia de Fernandópolis, em 23 de Agosto de 1946. São Paulo, 2014.

⁹⁸ SILVA, Wellington Barbosa. “Uma autoridade na porta das casas”: os inspetores de quarteirão e o policiamento no Recife do século XIX (1830-1850). Revista de História SAECULUM, João Pessoa, v.17, p.27-41jul./dez. 2007. Disponível em:

<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/viewFile/11382/6496> Acesso em: 14 de jun. 2016.

⁹⁹ SILVA, Wellington Barbosa. “Uma autoridade na porta das casas”: os inspetores de quarteirão e o policiamento no Recife do século XIX (1830-1850). Revista de História SAECULUM, João Pessoa, v.17, p. 27-41, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/viewFile/11382/6496> Acesso em: 14 de jun.

¹⁰⁰ Idem, p. 27-41.

¹⁰¹ SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Delegacia de Fernandópolis, em 23 de Agosto de 1946. São Paulo, 2014.

inspetores desse Serviço à esta Delegacia em caráter muito secreto, para investigar a respeito, sendo que acredito que o Partido Comunista local tenha algum meio de comunicação por meio de rádio oculto, como também muitas armas escondidas.¹⁰²

Esses dois fragmentos desvelam um item importante, referente à questão do discurso inflamado alternativamente a realidade. A informação dada por Anibal Aidar, ao delegado fernandopolense, pode ter sido fruto de uma alocução entusiasmada dos moradores locais; dessa forma, era possível que realmente se falasse em golpe nacional dentro do círculo comunista regional. Não era raro, em meio aos colóquios das lideranças regionais, conclamar os pares a uma revolução, mesmo que não houvesse revolução nenhuma sendo planejada. Em vista disso, a confirmação da suspeita de um golpe comunista de caráter nacional em 1946 é dubitável. Contrapondo a presunção do delegado fernandopolense, temos as diretrizes da III Conferência Nacional do PCB, realizada em 8 de julho de 1946, que propunham a defesa das “conquistas democráticas”¹⁰³, o apoio aos “atos democráticos do governo”¹⁰⁴ e a busca pela “união nacional”¹⁰⁵. Por fim, há a hipótese, muito provável, de que o referente “articulado golpe” suspeitado pelo delegado, fosse, na realidade, a citada III Conferência; tendo em vista que a produção do relatório se aproxima da data de realização desse evento.

Além dos pontos enaltecidos anteriormente, as trocas de mensagens entre a delegacia de Fernandópolis e a Secretaria de Segurança Pública do Estado, demonstram que, apesar de recente, a célula do Partido Comunista local, nomeada de Monteiro Lobato, dispunha de uma próxima relação com os comunistas da capital paulistana. Um trecho do relato fornecido por Luíza, esposa de Antônio Joaquim, ao pesquisador do livro **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**, corrobora com essa versão:

“[...] quando chegara em São Paulo reuniram lá com Prestes e ele falou: ‘Escuta, lá não tem um tal de Antônio Joaquim, um fazendeiro?’ Responderam [os

¹⁰² SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Delegacia de Fernandópolis, em 23 de Agosto de 1946. São Paulo, 2014.

¹⁰³ BELOCH, Israel.; ABREU, Alzira Alves de. (coordenadores). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro (pós-1030)**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-nacional-libertadora-anl> Acesso em: 21 de jun. 2016.

¹⁰⁴ BELOCH, Israel.; ABREU, Alzira Alves de. (coordenadores). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro (pós-1030)**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-nacional-libertadora-anl> Acesso em: 21 de jun. 2016.

¹⁰⁵ Idem, Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-nacional-libertadora-anl> Acesso em: 19 de jun. 2016.

representantes comunistas de Fernandópolis]: ‘Tem.’ [Luís Carlos completa] ‘Então, volta lá e troca, o secretário político do Partido vai ser Antônio Joaquim’”.¹⁰⁶

Essa maior proximidade dos dirigentes do PCB com as células do partido, mesmo àquelas mais afastas dos grandes centros urbanos, pode ser explicada pelo processo já citado anteriormente referente ao crescimento da influência da organização nos mais diversos meios políticos e sociais, a partir de 1945¹⁰⁷. A consequência desse fenômeno foi os tempos áureos da instituição, iniciados 1945 e findados 1948¹⁰⁸. Prova desse argumento foram as eleições de dezembro de 1945, quando o partido elegeu 14 deputados federais e um senador, nesse ano, o partido contava com 180 mil filiados¹⁰⁹. Mesmo após ter seu registro legal cassado pelo TSE, a legenda conseguiu realizar ótimas participações em eleições municipais e estaduais em novembro de 47¹¹⁰. O real fim de todas as participações políticas legalizadas do partido veio em 10 de janeiro de 1948, quando foram cassados os mandatos de todos os comunistas eleitos¹¹¹.

Caminhando ao fim dessa parte do capítulo dois, dedicarei as próximas palavras à relação entre Jerosino Pereira e o levante organizado e desarticulado em Fernandópolis, no dia 23 de Junho de 1949¹¹². A primeira afirmação a ser levantada sobre essa relação, é que Jeró não participou diretamente do levante. Isso se comprova pela inexistência de provas ou fontes que demonstrem a prisão ou ação do baiano no dia do motim. Além disso, um trecho da entrevista concedida por Dorvalino, genro de Jerosino corrobora com essa hipótese: “Uma vez teve um manifesto, promovido pelo pessoal de Populina mais o Antônio Joaquim, daí ele

¹⁰⁶ Entrevista concedida por dona Luíza. In: PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996. 326 p. 1v. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 09 de mai. 2016.

¹⁰⁷ SILVA, Fernando Teixeira da.; SANTANA, Marco Aurélio. **O equilíbrio e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge.; REIS, Daniel Aarão (Org.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945- 1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 102-140.

¹⁰⁸ Idem, p. 102-140.

¹⁰⁹ PACHECO, Elizar. **O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)**, São Paulo, Alfa-Ômega, 1984, p. 97, apud SILVA, Fernando Teixeira da.; SANTANA, Marco Aurélio. **O equilíbrio e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge.; REIS, Daniel Aarão (Org.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945- 1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 102-140.

¹¹⁰ SILVA, Fernando Teixeira da.; SANTANA, Marco Aurélio. **O equilíbrio e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge.; REIS, Daniel Aarão (Org.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945- 1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 102-140.

¹¹¹ Idem, p. 115.

¹¹² PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.297. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

[Jerosino] não quis participar. Ele era teimoso, mas de briga ele não participava”. O excerto das palavras de Dorvalino comprova também uma espécie de autonomia de Jerosino. Ou seja, apesar de ter adotado o comunismo através do contato que ele teve com pessoas de ideologia marxista, Jerosino não seguia de forma alienada todas as diretrizes impostas pelo partido ou pelos líderes locais.

O que nos interessa saber sobre os fatos da referente revolta é que ela fora organizada por Antônio Alves dos Santos, alinhando-se ao novo comportamento mais radical do PCB. Essa nova orientação do PC brasileiro, iniciada em 1948 com o manifesto de Janeiro¹¹³, “promovia antigas leituras que viam o país como portador de ‘uma estrutura econômica atrasada, semifeudal e semicolonial, que constitui obstáculo principal ao progresso nacional’”¹¹⁴. Além disso, o novo comportamento ideológico do partido exemplifica o “aquecimento da Guerra Fria”¹¹⁵. A importância do fato ocorrido em Fernandópolis toma grandes proporções ao passo que se configura como uma das primeiras manifestações da atuação direta do PCB no meio campestre¹¹⁶, exemplificando, assim, a gênese; o ensaio, das importantes Ligas Camponesas nordestinas, promovidas nos anos finais da década de 50 e início dos anos 60¹¹⁷.

O concernente motim se relaciona a Jerosino por suas consequências. A partir de sua desarticulação, realizada no mesmo dia 23 de Junho, a repressão aos comunistas locais cresceu de forma importante¹¹⁸. Dentro desse novo panorama, personagens como o delegado Francisco Mendes de Souza e o investigador Francisco Costa caracterizam a perseguição aos cidadãos. Se antes Antônio Espinhel se apresentava como um anticomunista que tentava combater a ideologia vermelha na cidade, agora, o novo delegado e seu investigador, exemplificavam o ápice da punição aos membros do PC local, isso já nos anos 50. Jeró

¹¹³ SILVA, Fernando Teixeira da.; SANTANA, Marco Aurélio. **O equilibrismo e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge.; REIS, Daniel Aarão (Org.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945- 1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 102-140.

¹¹⁴ Idem, p. 116.

¹¹⁵ Ibidem, p.116.

¹¹⁶ CUNHA, Paulo Ribeira da. **Aconteceu longe demais: a luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a revolução brasileira (1950-1964)**. São Paulo: Editora UNESP, 2007. 306 p.

¹¹⁷ BASTOS, Elide Rugai. **As ligas camponesas**. Petrópolis: Vozes, 1984. 144 p.

¹¹⁸ Um trecho do livro Fernandópolis- nossa história, nossa gente, volume um exemplifica muito bem o período conturbado, posterior ao fracasso da manifestação de 1949: “Após o fracasso do movimento, alguns homens foram presos, outros fugiram, outros tiveram suas casas invadidas por policiais; os que tinham cargos públicos tiveram seus mandatos cassados. Antônio Joaquim, líder do movimento, foi julgado culpado e ficou foragido por 20 anos; teve seu mandato de vereador cassado”. In: PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história, nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p. 304. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

também sofrera com os resultados dessa ferrenha represália; ele, por ser um dos comunistas que não fugiram após o fato descrito anteriormente, foi preso e torturado¹¹⁹ frequentemente a partir de 1950. As detenções passam a fazer parte da rotina do comerciante até meados de 1962, a maioria delas motivadas pela distribuição de folhetos marxistas, considerados subversivos pelas autoridades.

Por fim, além de ser impactada pela nova e rigorosa repressão regional do pós-1949, a vida política ativa de Jerosino sofreria com a influência de outro fato. Ele e sua esposa Avelina, após tantas peripécias e dificuldades festejariam o nascimento de seu segundo e último filho em 30 de março de 1958. A Imagem 3 a seguir, marca um momento próximo desse fato. Ser pai novamente aos 46 anos certamente colocou a vida de Jerosino em outra perspectiva. Talvez por esse motivo a produção de fontes sobre novas prisões e ações políticas, a partir desse ano, tenham se reduzido significativamente. Sendo assim, o último registro de prisão de Jeró foi de 26 de maio de 1962, por ter tentado organizar um comício comunista na cidade¹²⁰.

¹¹⁹ O relato de Sidney, que disse; “[...] ele [Jerosino] apanhou, com socos no estômago. Você acredita? Na cadeia ele foi espancado, ele dizia que mandavam ele colocar as mãos para o alto e daí davam socos, muitos não aguentavam e eram internados” corrobora com a informação de que o protagonista fora torturado. In: Áudio hoje pertencente ao arquivo pessoal do autor. PEREIRA, Felipe Augusto Vicente. Entrevista realizada dia 2 de agosto de 2015 com Sidney Pereira Del Grossi (filha de Jerosino) e Dorvalino Del Grossi (genro de Jerosino). São Paulo, 2015. Formato 3GA (76.031KB, 80min).

¹²⁰ Essa informação consta no Relatório da Regional de Rio Preto, destinado ao Serviço de Informações do “DEOPS”. In: SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ofício nº C2145/ SCGI/SP, de 26 de Novembro de 1969. São Paulo, 2014.

Figura 3- Jerosino e seu filho recém-nascido, meados de 1958.



Fonte: Arquivo pessoal do autor. Formato digital (JPEG) de 22 de Jun. 2016.

Segundo seu genro, Dorvalino, “[...] ele mudou muito depois que o Lenin nasceu”¹²¹. Luís Lenin Pereira era o nome do filho recém-nascido do comerciante. Essa manifestação de colocar o nome do revolucionário russo em seu filho exemplifica que, apesar de não atuar politicamente como antes, Jerosino ainda via no comunismo algo admirável. A ideologia bolchevista, mesmo após ter sofrido o maior impacto de sua história em 1956¹²², ainda representava algo importante ao protagonista.

¹²¹ Áudio hoje pertencente ao arquivo pessoal do autor. PEREIRA, Felipe Augusto Vicente. Entrevista realizada dia 2 de agosto de 2015 com Sidney Pereira Del Grossi (filha de Jerosino) e Dorvalino Del Grossi (genro de Jerosino). São Paulo, 2015. Formato 3GA (76.031KB, 80min).

¹²² A crise a qual me refiro foi decorrente da denúncia de Nikita Khruchchev realizada de maneira secreta no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 1956, que logo após tornou-se pública no Brasil através do jornal *Voz Operária*. In: SILVA, Fernando Teixeira da.; SANTANA, Marco Aurélio. **O equilibrismo e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge.; REIS, Daniel Aarão (Org.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945- 1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 122.

2.3 Jerosino no pós-1964 e anos finais (1964-1994).

Construo essa parte para dar um desfecho à história do comerciante baiano, afinal, Jerosino; diferentemente de Menocchio, não fora executado pelo tribunal inquisitorial¹²³. Ao contrário, como demonstra o parágrafo anterior, sua vida teve um verdadeiro recomeço quando já contava com 46 anos de idade, devido ao nascimento de seu filho mais novo. Durante essa nova vida, Jeró não atuava mais como antes. Além dele, os comunistas da região já não se articulavam tanto, alguns saíram do partido após saberem do discurso de Kruschov, outros simplesmente não se manifestavam mais publicamente. Esse panorama foi agravado pelo Golpe de 64, ou seja, o evento que marcou o início dos anos de chumbo enterrou qualquer possibilidade de novas articulações dos marxistas cidadãos.

Independente a esse ponto, as investigações aos cidadãos fernandopolenses ainda eram realizadas durante os anos da ditadura militar. Comprovando essa afirmação temos o ofício- 1.402/69-GD, produzido pelo primeiro delegado-assistente da diretoria do DOPS em 10 de dezembro de 1969, onde se enuncia:

Em atendimento à solicitação formulada pelo ofício nº 2145, de 26 do transato mês, faço juntar ao presente as informações, de caráter reservado, fornecidas pelo S.I. deste Departamento e referentes a Fernando Jacob, José Antônio de Figueiredo, Antônio Alves dos Santos, vulgo “Antônio Joaquim”, Jerosino Pereira e Tássio do Amaral Botelho, sendo que, até a presente data, nada consta neste DOPS com relação Wilson Ferraz.¹²⁴

Além de comprovar a permanência das investigações aos moradores comunistas de Fernandópolis, o trecho evidencia que os mandantes dessas apurações não eram mais os delegados locais, e sim indivíduos de patentes mais altas, componentes diretos do DOPS, da Secretaria de Segurança, do Serviço de Informações e, até mesmo, do Exército. Esse fenômeno promoveu uma maior eficiência da repressão, conseguindo organizar grandes operações de combate aos opositores do governo, como por exemplo, a OBAN, a Operação Condor, a Operação Pajussara, a Operação Radar entre outras.

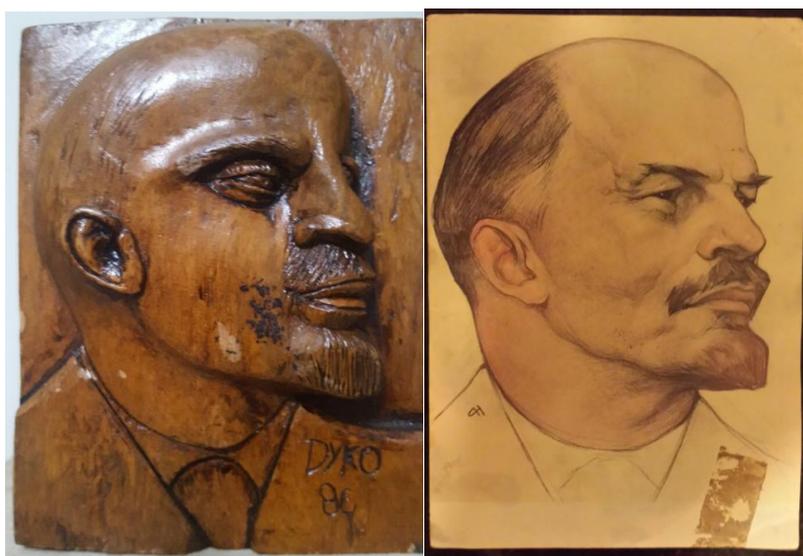
Apesar de não ser mais um comunista atuante, a alma ideológica de Jeró se fazia presente até os anos finais de sua vida. Prova desse argumento são dois livros encontrados em

¹²³ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 192.

¹²⁴ BRASÍLIA- DISTRITO FEDERAL. Arquivo nacional. Fundo Comissão Geral de Investigações. Ofício. Nº 1.402/ 69- GD, Departamento Estadual de Ordem Política e Social de 1969. 2013.

sua estante, o primeiro é uma tradução da editora Quilombo de 1970 de, **Lênin: biografia, cartas e escritos**, produzido por M. Gorki¹²⁵. A segunda obra é uma edição de 1980 de, **Lenin- 1905: jornadas revolucionárias**¹²⁶. Até então, os livros não significam muito, várias pessoas possuem obras sobre Lênin e sobre o marxismo e nem por isso são comunistas, ou compactuam com as propostas de Karl Marx. Porém, outra prova mostra que a idolatria de Jerosino ao comunismo sobrevivera. Um busto de Lênin feito em madeira marcava presença em sua escrivaninha. Como demonstrada pela Figura 4, o entalhe fora baseado em uma imagem proveniente de um cartão da editora estatal russa Mezhdunarodnaya Kniga¹²⁷, também pertencente à Jerosino. O busto foi seculpidoem 1986, e foi assinado por Dyko, provavelmente o artista produtor do entalhe.

Figura 4- Busto de Vladimir Ilitch Lenin entalhado em madeira (à esquerda), junto do cartão da editora estatal russa Mezhdunarodnaya Kniga (à direita), ambos pertencentes à Jerosino.



Fonte: Arquivo pessoal do autor. Formato digital (JPEG), 23 de Jun. 2016.

Para mais dos estudos sobre o comunismo, Jerosino Pereira volta sua atenção às questões financeiras novamente. Afinal de contas, agora ele possuía mais uma pessoa para

¹²⁵ GORKI, Máximo. **Lênin: biografia, cartas e escritos**. São Paulo: Editora Quilombo, 1970. 27 p.

¹²⁶ SILVEIRA, José Pedro da (tradutor). **Lenin- 1905: jornadas revolucionárias**. Contagem: Editora História, 1980. 103p.

¹²⁷ A Mezhdunarodnaya Kniga é uma editora e exportadora estatal russa fundada em 1923. Hoje se configura como “a mais antiga organização de comércio exterior russo. Envolvida na exportação e importação de livros, álbuns, revistas, CD-ROM, gravações de áudio e vídeo, produtos filatéticos, obras de multa e artes aplicadas, e outros bens para fins culturais e cotidianos”: Disponível em: <http://mkniga.ru> Acesso em: 23 de Jun. 2016.

alimentar, educar e formar. Dentro desse entendimento Jeró vende sua relojoaria, e com o dinheiro compra um pequeno sítio próximo de Fernandópolis. A partir desse novo empreendimento seu genro conta:

[...] ele comprou esse sítio em Garani d'Oeste e conseguia um bom dinheiro com plantação de café, dava cerca de mil sacos todos os anos. Então chegou o Nanim [nome de um amigo de Jerosino] que descobriu uma porção de terra no Goiás e convidou Jerosino para, juntos comprarem as terras. O Nanim só entrou com o papo, quem entrou com o dinheiro mesmo foi o Jeró, quando foram ver, a fazenda que eles compraram era barata porque não tinha documento nenhum, era uma fria. Daí ele e esse Nanim correram atrás para legalizar as terras e acertaram os documentos. Um tempo depois, veio um rapaz querendo comprar essa fazenda deles, e o amigo do Jerosino queria vender, eles discutiram, e nisso o Jeró decidiu comprar a parte do Nanim. Ele vendeu o sítio [em São Paulo], o carro [...] e comprou a parte do Nanim na fazenda em Goiás. Esse foi o negócio da vida dele, desde então ele só cuidava das terras e quando apertava a situação era obrigado a vender algumas porções. Esse Jerosino era “fuçado” viu!¹²⁸

Como esclarece o relato anterior, Jerosino conseguira alcançar o nível econômico que tanto buscava, através de uma arriscada compra de uma porção de terras no estado de Goiás. Essa circunstância proporcionou uma vida mais tranquila e farta para ele, que desde então envelheceu sem procurar novos empreendimentos. Todos seus esforços se concentravam agora em fazer prosperar aquelas terras que havia adquirido após a venda de seu carro e do seu sítio em São Paulo. Com isso, as constantes novidades e mudanças, várias vezes citadas nesse trabalho, chegaram ao fim. Jerosino Pereira morreu no “dia 3 de Junho de 1994, aos 81 anos, devido a complicações decorrentes de uma neoplasia de próstata”¹²⁹.

A descrição presente no parágrafo anterior pode gerar uma dúvida frequente aos olhos mais desatentos, ou aos críticos do marxismo: Como um indivíduo comunista, defensor da igualdade e da reforma agrária, conseguiu passar os últimos dias de sua vida sendo um latifundiário? Em resposta a essa proposição reflexiva, afirmo que defender o comunismo dentro do modelo capitalista não quer dizer, viver fora dos paradigmas vigentes. Isso significa que ter uma fazenda, ou uma relojoaria, ou uma casa, ou um simples relógio, ou qualquer outro bem, não fazia de Jerosino menos comunista. Conhecer e defender o marxismo, não é se isolar do mundo. Ao contrário, se a pretensão realmente for a mudança do modelo político-

¹²⁸ Áudio hoje pertencente ao arquivo pessoal do autor. PEREIRA, Felipe Augusto Vicente. Entrevista realizada dia 2 de agosto de 2015 com Sidney Pereira Del Grossi (filha de Jerosino) e Dorvalino Del Grossi (genro de Jerosino). São Paulo, 2015. Formato 3GA (76.031KB, 80min).

¹²⁹ SÃO PAULO. Cartório de Registro Civil de Fernandópolis. Certidão de óbito nº 7320, fls. 491, livro nº C-28. 1994. Arquivo pertencente ao acervo pessoal do autor.

econômico atual, antes é preciso estar a par de todas as mazelas do sistema vigente. Karl Marx, não conseguiria escrever O Capital, se ele não conhecesse e entendesse o capitalismo de forma aprofundada. Isso mostra que viver sob as regras do capitalismo, dentro de um mundo capitalista, aprendendo a criticá-las, entendê-las e a modificá-las é exatamente um dos focos do marxismo, pois, somente a partir disso, um novo modelo pode ser instaurado. Essa reflexão propõe outro questionamento: Será que Jerosino só conseguiu ser latifundiário, após ter o arcabouço fornecido pelo estudo do marxismo, e ter entendido o sistema que vivia?

Considerações Finais

O início da narrativa sobre Jerosino Pereira demonstra que durante os primeiros anos em que viveu no estado da Bahia, o protagonista fora deixado para trás pelo pai que havia se tornado viúvo. Procurando meios de fugir da violência doméstica que presenciava na casa de seu tio, o jovem nordestino decide mudar de Estado iniciando uma verdadeira jornada para São Paulo. Durante essa etapa os meios de locomoção tiveram influencia substancial no modo de como Jeró chegou ao estado paulista. Dentro dessa perspectiva decisões governamentais, como a promoção do arrendamento das linhas de aço a empresas estrangeiras, tiveram influxo sobre o deslocamento do personagem.

Chegando ao novo estado da região sudeste, Jerosino vê oportunidades de trabalho geradas pelo cultivo do café nos anos de 1920. Apesar de viver um tempo sob os paradigmas gerados pelo cultivo do grão, o protagonista do relato decide procurar autonomia financeira abrindo um comércio de carnes, e, posteriormente um armazém. Ainda movido pela busca de melhorias financeiras, e agora contando com uma pequena família, Jerosino muda-se para um vilarejo recém-inaugurado, localizado mais ao noroeste do estado.

Estabelecendo contato com grande parte dos moradores de Fernandópolis, cidade proveniente da união entre Vila Pereira e Brasilândia, Jerosino é apresentado ao comunismo por indivíduos que já conheciam a ideologia marxista há algum tempo. Entre essas pessoas, duas, sendo elas Fernando Jacob e Antônio Alves dos Santos, conferem protagonismo por se comportarem como os líderes do comunismo fernandopolense. Usando o modo comportamental bem diferente desses dois líderes bolchevistas como escala, nota-se que o comerciante baiano, protagonista dessa narrativa, apresentava uma conduta intermediária, não tão radical e não tão intelectual. Com isso, Jerosino Pereira configurava-se como um comunista de divulgação e de suporte aos líderes regionais do PCB.

Por meio de filiados como Jerosino, e de líderes locais como Jacob e Alves dos Santos, o comunismo conseguiu se enraizar no noroeste do estado de São Paulo. Como reação a esse enraizamento, autoridades locais começam a manifestar uma concepção anticomunista em 1946. Representando agora a contraposição entre comunismo e anticomunismo, os moradores engajados e autoridades locais imergiram em uma verdadeira batalha ideológica.

Investigações e um clima tenso permearam a região até 1949, quando no dia 23 de Junho fora organizado uma revolta armada por Antônio Alves dos Santos.

A partir de 1949, a repressão, que antes era somente um ensaio das autoridades locais, conseguiu se articular reativamente ao motim, promovendo, dessa forma, um verdadeiro combate aos bolchevistas. Dentro desse novo panorama, Jerosino sofreu diversas prisões até 1958, quando o fôlego vermelho localista aparentemente acabou. Além de ter sido uma consequência da grande repressão local desferida a partir de 1949, a referente diminuição da vida ativa política de Jeró foi motivada pelo nascimento de seu segundo filho em 1958.

Em 1964, após o golpe militar, a estrutura comunista cidadina que já estava em declínio, foi sepultada. A então eficaz investigação promovida pelo DOPS, e pelos demais órgãos de segurança, característica dos anos de chumbo, conseguiu silenciar grande parte dos antigos marxistas fernandopolenses. Isso se deveu ao fato de alguns terem sido colocados na ilegalidade, enquanto outros simplesmente decidiram não confrontar o governo intolerante e impiedoso. Jerosino Pereira, durante essa situação repressiva nacional, decide arriscar-se em novos empreendimentos para poder proporcionar uma vida mais afortunada para sua família. Enquanto isso, seus estudos e sua admiração ao comunismo caminhavam de maneira discreta, acompanhando-o até os anos finais de sua vida.

O relato sobre a existência e ação de Jerosino Pereira mostra que ele não se encaixava perfeitamente entre os milhares de indivíduos que saíram da região nordeste. Isso se deve ao fato de sua migração ser motivada pela fuga da violência doméstica, e não pela fuga da miséria e fome. Já no estado paulista, o personagem demonstra novamente que as peculiaridades o rodeiam quando decide se arriscar no comércio de carnes, em um estado caracterizado pela produção cafeeira nos anos 30. Chegando à vila que deu origem a Fernandópolis, o comerciante, percebendo o fluxo constante de pessoas, decide se aventurar no ramo de hospedagem. Posteriormente, já filiado ao PCB, Jerosino sofre consequências de um combate ideológico local, que certamente não resumia a regra nacional, além disso, o levante armado de 49 confere ainda mais especialidade ao caso regional. Essas peculiaridades citadas contribuem de forma importante com a prática historiográfica, à medida que colocam em cheque as afirmações estruturais propostas pelas historiografias tradicionais.

Por fim, é importante ressaltar que o trabalho sobre Jerosino Pereira só foi possível pelo acesso às fontes. Ou seja, a importância dos rastros deixados pelos personagens e do

acesso do historiador a esses vestígios é imprescindível em uma pesquisa historiográfica. Esse é um dos principais fatores que distinguem a memória da pesquisa histórica. Não trabalhamos com contos sem provas, analisamos e problematizamos fontes, e a partir disso construímos nossa narrativa e nossa pesquisa. Como finaliza Ginzburg: “Sabemos muita coisa sobre Menocchio. De Marcato ou Marco- e tantos outros como ele, que viveram e morreram sem deixar rastros- nada sabemos”¹³⁰.

¹³⁰ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, P. 192.

Fontes e Bibliografia

Fontes:

Entrevistas:

PEREIRA, Felipe Augusto Vicente. Entrevista realizada dia 2 de agosto de 2015 com Sidney Pereira Del Grossi (filha de Jerosino) e Dorvalino Del Grossi (genro de Jerosino). São Paulo, 2015. Formato 3GA (76.031KB, 80min).

Entrevista concedida por Avelina Rodrigues Pereira às entrevistadoras Rosa Costa e Áurea Sugahara, presente no livro: PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. Fernandópolis- nossa história nossa gente. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.36. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 26 de jun. 2016.

Entrevista de Benedicto Cunha concedida ao jornalista Wilson Granella. In: Fernandópolis- nossa história, nossa gente. PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. Fernandópolis- nossa história nossa gente. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.46- 48. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

Entrevista concedida por Francisco León ao entrevistador da obra Fernandópolis- nossa história, nossa gente. PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. Fernandópolis- nossa história nossa gente. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.46- 48. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

Entrevista concedida por dona Luíza. In: PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. Fernandópolis- nossa história nossa gente. 1. ed. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996. 326 p. 1v. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 09 de mai. 2016.

Documentos oficiais:

FERNANDÓPOLIS, São Paulo. Certidão de Óbito nº 7320, fls. 491, livro nº c-28. 13 de set. 1994

SÃO PAULO, Ministério da Fazenda, Secretaria da Receita Federal. Cadastro de Pessoas Físicas; inscrição: 166603078-34. 05 de set. 1993.

BRASIL, São Paulo, Secretaria de Segurança Pública. Cédula de Identidade nº 5437356. 27 de jul. 1970.

RIBEIRÃO PRETO, Ministério da Guerra. Certificado de Reservista de 3º Categoria nº 785716. 16 de jul. 1943.

SÃO PAULO, Diário de São Paulo, 1944, apud PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. Fernandópolis- nossa história nossa gente. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p. 44-45. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 08 de jun. 2016.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Divisão Administrativa e Judiciária do Estado. Do. 15/05/1945, p.1. Disponível em:
<http://www.al.sp.gov.br/norma/?id=122331> Acesso em: 22 de jun. 2016.

SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ofício nº C2145/SCGI/SP, de 26 de Novembro de 1969. São Paulo, 2014.

Carta anônima anexada aos Autos de Processo, página 14, verso, volume 1, apud PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. Fernandópolis- nossa história nossa gente. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.291. Disponível em:
<http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ofício nº 1.070, de 23 de Setembro de 1946. São Paulo, 2014.

SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ofício número 256, de 16 de Julho de 1946. São Paulo, 2014.

SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Nota reservada 60260, de 12 de Agosto de 1946. São Paulo, 2014.

SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Delegacia de Fernandópolis, em 23 de Agosto de 1946. São Paulo, 2014.

SÃO PAULO. Casa Civil. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ofício nº C2145/SCGI/SP, de 26 de Novembro de 1969. São Paulo, 2014.

BRASÍLIA- DISTRITO FEDERAL. Arquivo nacional. Fundo Comissão Geral de Investigações. Ofício. Nº 1.402/ 69- GD, Departamento Estadual de Ordem Política e Social de 1969. 2013.

Iconografia:

[Brasão da cidade de Neves Paulista]. Disponível em:
<http://www.nevespaulista.sp.gov.br/inside.php?id=31> Acesso em: 26 de Jun. 2016.

[Planta baixa de Vila Pereira planejada por Leonardo Posela Segundo]. jornal A Folha, Rio Preto, 01/03/1942, apud PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. Fernandópolis- nossa história nossa gente. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.34. Disponível em:
<http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 26 de Jun. 2016.

[Jerônimo e seu filho recém-nascido, meados de 1958]. Arquivo pessoal do autor. Formato digital (JPEG) de 22 de Jun. 2016.

[Busto de Vladimir Ilitch Lenin entalhado em madeira, junto do cartão da editora estatal russa Mezhdunarodnaya Kniga ambos pertencentes à Jerônimo]. Arquivo pessoal do autor. Formato digital (JPEG) de 22 de Jun. 2016.

Bibliografia:

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 309 p.

ARRUDA, Sílvio. Neves Paulista: Histórico. IBGE, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/saopaulo/nevespaulista.pdf> Acesso em: 04 de jun. 2016.

BASTOS, Elide Rugai. **As ligas camponesas**. Petrópolis: Vozes, 1984. 144 p.

BELOCH, Israel.; ABREU, Alzira Alves de. (coordenadores). **PCB**. In: Dicionário histórico-biográfico brasileiro (pós-1030). 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb> Acesso em: 19 de jun. 2016

BELOCH, Israel.; ABREU, Alzira Alves de. (coordenadores). **ANL**. In: Dicionário histórico-biográfico brasileiro (pós-1030). 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb> Acesso em: 19 de jun. 2016

CARVALHO, Diego Francisco de. **Café, ferrovias e crescimento populacional: o florescimento da região noroeste paulista**. Revista Histórica. Ed. 27, Nov./2007. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao27/materia02/texto02.pdf> Acesso em: 04 de jun. 2016.

CUNHA, Aloísio Santos da. **No tempo da Chemins de Fer: A administração francesa das ferrovias federais na Bahia (1911-1935)**. João Pessoa: SAECULUM- Revista de História. 2013, p. 356. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/19827/10962>. Acesso em: 31 de mai. 2016.

CUNHA, Paulo Ribeira da. **Aconteceu longe demais: a luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a revolução brasileira (1950-1964)**. São Paulo: Editora UNESP, 2007. 306 p.

FAUSTO, Boris. (Org.). **O PCB: Os dirigentes e a organização. In: O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap. 8, 710 p.

FAUSTO, Boris. (Org.). **Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935). In: O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. cap.1 , 710 p.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1995.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 255 p.

GORKI, Máximo. **Lênin: biografia, cartas e escritos**. São Paulo: Editora Quilombo, 1970. 27 p.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003,. 632 p.

MARIN, Jéri Roberto; TERRA NETA, Elda M. P. **A construção de uma região na obra história de mato grosso do sul, de Hildebrando Capestrini e Aciyr Guimarães**. UFMS/CPAQ, Aquidauana, 2014. Disponível em: http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1410950114_ARQUIVO_Aconstrucao_deumaregiaonaobraHistoriadeMatoGrossodoSul-teste.pdf. Acesso em: 07 de jun. 2016.

MOREIRA, Vagner José. **Os sentidos do passado: a questão agrária e a luta pela terra no interior de São Paulo (Brasil, 1949)**. Sociedade Española de História Agrária- Documentos de trabajo, DT-SEHA n. 1405, 2014. Disponível em: <http://repositori.uji.es/xmlui/bitstream/handle/10234/88429/DT-SEHA%201405.pdf?sequence=1> Acesso em: 13 de jun. 2016.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002. 297 p.

PESSOTA, Amadeu Jesus. et. al. **Fernandópolis- nossa história nossa gente**. 1. ed. 1v. Fernandópolis: Editora Bom Jesus, 1996, p.176. Disponível em: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/nossahistorianossagente/v1/> Acesso em: 13 de jun. 2016.

PACHECO, Elizar. **O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)**, São Paulo, Alfa-Ômega, 1984, p. 97, apud SILVA, Fernando Teixeira da.; SANTANA, Marco Aurélio. **O equilibrismo e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge.; REIS, Daniel Aarão (Org.).**Nacionalismo e reformismo radical (1945- 1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 102-140.

SILVA, Fernando Teixeira da.; SANTANA, Marco Aurélio. **O equilibrismo e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge.; REIS, Daniel Aarão (Org.).**Nacionalismo e reformismo radical (1945- 1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 102-140.

SILVA, Wellington Barbosa. **“Uma autoridade na porta das casas”: os inspetores de quarteirão e o policiamento no Recife do século XIX (1830-1850)**. Revista de História SAECULUM, João Pessoa, v.17, p.27-41jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/viewFile/11382/6496> Acesso em: 14 de jun. 2016.

SILVEIRA, José Pedro da (tradutor). **Lenin- 1905: jornadas revolucionárias**. Contagem: Editora História, 1980. 103p.

VASCONCELOS, Vitor Vieira.; HADAD, R. M.; MARTINS JUNIOR, P. P. **Pierre Monbeig: da Escola Regionalista Francesa às Frentes Agropecuárias Brasileiras**. Revista eletrônica Ateliê Geográfico UFG, Goiânia, v.6, n. 4, Dez. 2012, p. 41-60. Disponível em: <https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/atelie/article/view/21983/15114> Acesso em: 20 de jun. 2016.

ANEXOS 1 e 2 - Autorização de utilização de som de voz para fins de pesquisa. Dorvalino Del Grossi (1) e Sidney Pereira Del Grossi (2).

**Termo de Autorização para Utilização de Som de Voz
para fins de pesquisa**

Eu Jerosino Pereira autorizo a utilização do meu som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no trabalho de conclusão de curso intitulado: Jerosino Pereira: um “pedreiro anônimo” comunista da cidade de Fernandópolis (1912-1964). sob responsabilidade de *Felipe Augusto Vicente Pereira* vinculado ao departamento de História da Universidade de Brasília.

Meu som de voz pode ser utilizado apenas para análise por parte do pesquisador e orientador, relacionados ao tema: vida política e social de Jerosino Pereira, suas vivências, suas percepções, suas lutas. Ao final será elaborado o relatório final de pesquisa pelo aluno Felipe Augusto Vicente Pereira, sob a orientação do professor Mateus Gamba Torres.

Tenho ciência de que não haverá divulgação do meu som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação ao som de voz são de responsabilidade do pesquisador responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, do meu som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com o (a) participante.

Jerosino Pereira
Assinatura do (a) participante.

Felipe A.V. Pereira
Assinatura do pesquisador.

Fernandópolis, 25 de Maio de 2016.

**Termo de Autorização para Utilização de Som de Voz
para fins de pesquisa**

Eu, Sidney Pereira Del Grossi autorizo a utilização do meu som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no trabalho de conclusão de curso intitulado: Jerosino Pereira: um “pedreiro anônimo” comunista da cidade de Fernandópolis (1912-1964). sob responsabilidade de *Felipe Augusto Vicente Pereira* vinculado ao departamento de História da Universidade de Brasília.

Meu som de voz pode ser utilizado apenas para análise por parte do pesquisador e orientador, relacionados ao tema: vida política e social de Jerosino Pereira, suas vivências, suas percepções, suas lutas. Ao final será elaborado o relatório final de pesquisa pelo aluno Felipe Augusto Vicente Pereira, sob a orientação do professor Mateus Gamba Torres.

Tenho ciência de que não haverá divulgação do meu som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação ao som de voz são de responsabilidade do pesquisador responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, do meu som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com o (a) participante.


Assinatura do(a) participante.


Assinatura do pesquisador.

Fernandópolis, 25 de Maio de 2016.

Declaração de autenticidade

Eu, Felipe Augusto Vicente Pereira, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado **Jerosino Pereira: um “pedreiro anônimo” comunista da cidade de Fernandópolis (1912-1994)** foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 26 de Junho de 2016.